

INTRODUÇÃO

A literatura revisada, na qual aborda a descrição do policial, apenas menciona perfis ou imagens negativas construídas sobre os policiais. Contudo, nenhuma destas faz uma apreciação no âmbito da música popular brasileira.

O exame das letras presentes em diferentes estilos musicais (rock, reggae, rap, samba etc.) reforçou cada vez mais a constatação de que os operadores de segurança pública, desde muito tempo, vêm sendo atingidos pela formulação de estereótipos e estigmas sociais.

A ideia desta pesquisa advém de uma monografia desenvolvida na disciplina Metodologia do Trabalho Científico II, ministrada pelo Prof. Dr. Francisco José Alves dos Santos, durante o Curso de Pós-Graduação em Segurança Pública da Universidade Federal de Sergipe no ano de 2007. A escolha do objeto surgiu a partir da apresentação de alguns temas a serem trabalhados no enfoque da segurança pública.

A apreciação por música despertou o interesse em investigar como produções traziam imagens negativas dos policiais. A escolha parte da década de 80 até produções mais recentes (queda do regime militar, redemocratização e a liberdade de expressão), sendo reforçadas pelos meios comunicativos e informativos, forças capazes de denunciarem, com mais evidência, as mazelas vividas pela sociedade, os desequilíbrios institucionais e as deficiências do Estado. As críticas presentes nessas composições apresentam-se mais objetivas, naturais e agressivas em seus discursos.

Para a desconstrução dos estigmas e estereótipos, presentes nas instituições policiais, algumas perspectivas de mudanças devem ser estabelecidas, tais como: a efetivação da Constituição Federal e o melhoramento da polícia através de uma alteração legislativa como ainda de uma nova formação policial.

No que concerne ao tema e mais especificamente ao objeto desta pesquisa, existe uma carência de trabalhos acadêmico-científicos, visto que não são muitos os estudos sobre a imagem social da instituição policial e de seus agentes.

Este trabalho visa aprofundar os estudos que foram desenvolvidos acerca do objeto na primeira monografia, aproximando-os, nesta nova perspectiva, ao ramo do

direito, analisar as representações da polícia e de seus operadores na música popular brasileira, destacar e examinar os atributos ou perfis do policial nessas produções e relacionar estas representações com o contexto sociocultural que as constroem.

O desenvolvimento da pesquisa encontrou alguns obstáculos, pois, os contatos ou encontros com o orientador não foram frequentes, nos problemas quanto à coleta de materiais através do levantamento bibliográfico e da pesquisa de campo, nas referências da biblioteca da faculdade que estão desatualizadas e, principalmente, na carência de trabalhos acadêmico-científicos que norteiam o objeto da presente pesquisa. Entretanto, mesmo com as dificuldades, as questões assim ventiladas serão dirimidas com o suporte da pesquisa via internet.

As representações da polícia e de seus operadores na música brasileira, o destaque e o exame dos atributos ou perfis do policial nessas produções e o relacionamento destas representações com o contexto sociocultural que as constroem serão analisadas através da pesquisa bibliográfica, pelo levantamento dos dados constatados via internet e pelas composições colhidas em diferentes gêneros musicais.

As produções musicais, incluídas no momento estudado, serão utilizadas como fontes que fornecerão subsídios para a execução da pesquisa com adoção das seguintes estratégias: caracterização dos gêneros musicais; transcrição e resumo das letras; fichamento de cada letra conforme os elementos que a compõem (título, autor, banda, gênero musical etc.); reconstrução do contexto sociocultural envolvido; análise dos textos; e identificação de perfis dos policiais assumidos nas composições à luz dos conceitos de estereótipo e estigma.

A base teórica, para os procedimentos adotados nesta pesquisa, será orientada pelas análises de Erving Goffman (Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada), Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (Dicionário de Análise do Discurso) e de Michel Foucault (Microfísica do Poder).

As fontes primárias, para o desenvolvimento deste estudo, serão as composições em diferentes gêneros musicais. Já as secundárias corresponderão aos dados colhidos nas referências que tratam ou fazem menções sobre o assunto.

Além da introdução, o estudo está dividido em cinco capítulos e uma conclusão. O primeiro capítulo, intitulado “O Papel da Polícia no Estado Democrático

de Direito”, traz um panorama geral da polícia no Brasil, cujo marco temporal é Constituição Federal de 1988. O segundo capítulo, “Análise Doutrinária Acerca do Papel da Polícia e a Defesa dos Direitos Humanos”, remete sobre a revisão de literatura que apresenta um conjunto de trabalhos desenvolvidos nos quais estão relacionados ao âmbito da segurança pública, dos direitos humanos, da formação e atuação policial e da construção de uma imagem profissional e institucional. O terceiro capítulo trata dos “Estigmas, Estereótipos e Poder”, apresentando-se autores que desenvolveram estudos sobre os conceitos em questão e que alicerçam o referencial teórico da presente pesquisa. O quarto capítulo, denominado “A Polícia Cantada: Faces do Policial na Música Popular Brasileira”, descreve e analisa os perfis mais evidenciados deste agente nas composições colhidas e que norteiam o trabalho. O quinto capítulo, “Perspectivas para uma Nova Polícia”, destaca o modelo tradicional de policiamento com a sua formação e treinamento, a proposta de uma nova formação policial e lança um diagnóstico sobre a credibilidade de algumas instituições brasileiras. Por fim, a conclusão, além de constatar a presença de uma carga negativa sobre as instituições policiais e nos seus operadores, traça também algumas das principais alternativas de mudanças que devem ocorrer nas instituições policiais para a construção de uma imagem positiva, seja mediante uma alteração legislativa, numa nova formação policial e principalmente na efetivação dos direitos e garantias preconizados pela Constituição Federal de 1988.

1. SEGURANÇA PÚBLICA E O PAPEL DA POLÍCIA NO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO

1.1 Panorama da Segurança Pública no Brasil

A segurança pública se tornou um dos temas mais importantes a serem discutidos na sociedade brasileira, pois, o temor e a descrença em sua efetividade se tornaram sintomas cada vez mais marcantes na vida das pessoas.

Neste enfoque, a Constituição Federal (CF) de 1988 inovou, ao trazer em capítulo específico, com uma disposição exclusiva sobre a temática da segurança pública aonde são previstos os órgãos que estão à disposição do Estado e as suas respectivas competências.

O conceito de segurança pública remete para a situação de preservação do patrimônio e de bem estar em que cidadãos de uma determinada localidade possam conviver em harmonia, respeitando-se regras através de padrões historicamente construídos e necessários para a ordem social. Neste contexto, legitima-se constitucionalmente o Estado como agente garantidor deste processo, atuando no combate e na prevenção de delitos, na execução das políticas de segurança pública e na produção de leis que estejam em consonância com os preceitos tanto do art. 144 da CF quanto de outros dispositivos que compõem a estrutura constitucional.

A segurança pública deve atender ao princípio da universalidade, ou seja, deve estar a serviço de todos independentemente da condição social, política, econômica, cultural e histórica de cada um. Neste sentido existem os órgãos de segurança pública que cuidam desse direito-dever.

É do conhecimento que a incidência de delitos em uma dada localidade não se explica unicamente pelo fator pobreza que gera insegurança para aqueles que estão afastados desta condição. A segurança pública não é apenas uma questão de polícia, mas também, de um conjunto de políticas públicas de segurança devidamente articuladas e indispensáveis para melhor gerir este dever do Estado, direito e responsabilidade de todos. É o processo que envolve um conjunto de medidas incontestavelmente eficientes e eficazes. Eficientes tanto em relação às providências adotadas e eficazes quanto aos resultados efetivamente alcançados.

Todavia, inquestionável é o fato de que a polícia deve assumir este caráter preventivo-repressivo na temática da segurança pública, sendo o órgão do Estado que promove a concretização de princípios que impõem respeito às normas que garantem e protegem as regras jurídicas preestabelecidas. Logo, a polícia é a instituição que assume o dever de preservar a ordem pública para uma população que almeja vivenciar uma sensação de segurança. Esta sensação difere da segurança propriamente dita, com caráter absoluto, porque não há possibilidade de extinção dos focos de violência e criminalidade que assombram as pessoas. Lesões aos direitos de tantos outros são resultados de uma doença incurável que pode ser apenas diagnosticada para dirimir as suas sequelas.

1.2 A Polícia na Constituição Federal de 1988

De acordo com o art. 144 da Constituição Federal, a segurança pública é dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, constituindo-se em um processo que visa preservar a ordem pública, a incolumidade das pessoas e do patrimônio e ao bem estar das pessoas através dos seus órgãos. Aos respectivos órgãos, elencados na Constituição Federal, cabem a atuação preventiva e repressiva com a aplicação dos meios necessários de coerção, através do uso da força e para garantir o controle social. No primeiro caso atuarão visando prevenir potenciais delitos. Já no segundo haverá a intervenção após o seu cometimento, de modo que os infratores deverão ser entregues à Justiça para que as sanções, previstas em lei, sejam aplicadas conforme o caso concreto.

Este processo é composto pela previsibilidade e atuação da Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Polícia Ferroviária Federal, Polícias Civis, Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares. Acrescente-se também ao contexto da segurança pública a atuação das Guardas Municipais que poderão ser constituídas para proteção de seus bens, serviços e instalações conforme dispuser a lei (art. 144, §8º, da CF).

Deste modo, conforme a previsão constitucional, a Polícia Federal tem as seguintes competências: apurar as infrações penais contra a ordem política e social ou em detrimento de bens, serviços e interesses da União ou de suas entidades autárquicas e empresas públicas, assim como outras infrações cuja prática tenha

repercussão interestadual ou internacional e exija repressão uniforme, segundo disposição legal; prevenir e reprimir o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o contrabando e o descaminho, sem prejuízo da ação fazendária e de outros órgãos públicos nas respectivas áreas de competência; exercer as funções de polícia marítima, aeroportuária e de fronteiras; e com exclusividade, exercer as funções de polícia judiciária da União. À Polícia Rodoviária Federal cabe exercer o patrulhamento ostensivo das rodovias federais. A Polícia Ferroviária Federal destina-se ao patrulhamento ostensivo das ferrovias federais. Às Polícias Civas, dirigidas por delegados de polícia de carreira incumbem, ressalvada a competência da União, as funções de polícia judiciária e a apuração de infrações penais, exceto as militares. As Polícias Militares exercem a função de polícia ostensiva e atuam na preservação da ordem pública. Já em relação aos Corpos de Bombeiros Militares, além das atribuições definidas em lei, incumbe a execução das atividades de defesa civil.

2. ANÁLISE DOUTRINÁRIA ACERCA DO PAPEL DA POLÍCIA E A DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS

No Brasil não são muitos os estudos sobre a imagem social dos policiais, todavia, existe um conjunto de pesquisas relevantes que tratam das polícias e da atuação dos seus operadores no contexto da segurança pública. Esses trabalhos são consideráveis porque norteiam o objeto desta monografia, fornecendo assim subsídios para argumentação e fundamentação da temática.

Em “O medo da Polícia e as Graves Violações dos Direitos Humanos” Nancy Cardia (1997) toma como referência o regime militar. Ela apresenta a persistente imagem negativa da polícia e aponta os principais fatores que colaboram para sua carga de ineficiência. Mesmo com a redemocratização do país, os casos de violência e arbitrariedades cometidas pela polícia não cessaram, e sim, foram cada vez mais reforçados. O medo ainda é um instrumento de poder que legitima as ações da polícia que encontra nesse aparato um forte aliado para submeter à população e impor a sua autoridade. A autora afirma ainda que as instituições policiais assumem um papel confuso para a sociedade, pois, a sua imagem está mais associada à força do que necessariamente à segurança pública. As maiores vítimas da atuação das polícias (civil e militar) são homens de pouca instrução e renda, particularmente negros e pobres que sofrem violências e arbitrariedades. Nesta perspectiva, conforme a autora, o caráter discriminatório e preconceituoso prevalece, pois, parte-se do princípio de que as áreas marginalizadas só podem ser controladas pelo uso da violência e de práticas arbitrárias. Portanto, a ideia que se passa é que existe uma polícia que trabalha exclusivamente para as elites e atende os interesses do Estado.

Roberto DaMatta (1997) em “Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro” também trabalha a imagem da polícia no tópico intitulado “De uniformes e fantasias”. Conforme o autor, a polícia trata a sociedade com distanciamento através de padrões hierarquizados e identidades sociais que são construídas pela estigmatização dos indivíduos que carregam as vestes da instituição. A constituição de papéis na sociedade às vezes se confunde com as posições assumidas pelos indivíduos que participam da mesma. Por isso as Forças Armadas,

por meio de seus membros, pretendem exercer sobre os outros um monopólio dos eixos autoritários e hierárquicos (1997, p. 211).

Em “Direitos Humanos: Coisa de Polícia”, Ricardo Brisolla Balestreri (1998) apresenta alguns caminhos a serem trilhados para ter um policial protagonista, educador em direitos humanos e promotor da cidadania. Para o autor, a necessidade e a importância dessa instituição ainda não foram entendidas pela população justamente porque o passado autoritário interfere na formação de opiniões no presente democrático. Ele coloca a polícia como a principal responsável pela redução das violações aos direitos humanos.

O texto intitulado “Violência policial: a ação policial justificada pelo estrito cumprimento do dever”, de autoria de Wania Pasinato Izumino, Adriana Alves Loche e Viviane de Oliveira Cubas (1998), trata de um estudo desenvolvido pelo Núcleo de Estudos de Violência da Universidade de São Paulo (NEV/USP), em uma pesquisa desenvolvida durante dezessete anos sobre notícias que veicularam as graves violações aos direitos humanos, especialmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, cometidas tanto por policiais militares quanto por policiais civis no exercício de suas atribuições funcionais durante os anos de 1980 a 1996. Questões relacionadas com os perfis dos agentes envolvidos e das vítimas e a própria violência institucional também foram apreciadas na pesquisa.

Em sua dissertação de mestrado intitulada “A Instituição Policial na Ordem Democrática: o caso da Polícia Militar do Estado de São Paulo”, a autora Cristina Neme (1999) ressalta que o processo de democratização do Brasil não conseguiu extinguir as práticas arbitrárias e as ilegalidades tão marcantes e presentes da ditadura militar implantada em 1964. Reforça em seu estudo que a democracia encontra, nas ações de violência das forças policiais, um incômodo e difícil obstáculo para a sua consolidação.

Em a “Nova Sociedade Brasileira”, Bernardo Sorj nos pontos “A Lógica Institucional”, “Cidadania e Representação Política” e “Sociabilidade e Padrões Culturais” trata da frustração e da desmoralização que atingem as instituições públicas, principalmente aquelas que são ineficazes para a população em seu aparato judiciário e repressivo. Neste enfoque, apesar do autor não citar diretamente, encontra-se a polícia como a principal instituição que ameaça a percepção e prática dos valores democráticos. O sistema social envolve um conflito

de interesses em que estão incluídas as instituições e tradições que orientam grupos ou indivíduos. Sendo assim, as posições que cada indivíduo assume, através da valorização de hierarquias em sociedade, estão associadas a um sistema que cuida de sua transmissão (SORJ, 2001, p. 24-30).

Em “Padrões de Policiamento - Livro 1 da Série "Polícia e Sociedade", David H. Bayley (2001) realiza um estudo sobre o processo de formação das polícias e seus modos de operação na sociedade contemporânea. Deste modo, o autor faz um exame comparativo entre as instituições policiais de diferentes países, sendo de um lado países desenvolvidos e de outro países em desenvolvimento. Temas como a evolução, o trabalho policial, o controle da polícia e o seu vínculo intrínseco com o contexto político estão entre as principais preocupações do autor, preocupações estas que servem de parâmetro para o entendimento e busca de soluções para a realidade policial brasileira e em outros países da América Latina.

Já no texto “Nova Polícia - Livro 2 da Série Polícia e Sociedade”, David H. Bayley (2001) aborda sobre a atividade de policiamento empregada em seis cidades dos Estados Unidos, observando-se as características, diferenças e semelhanças institucionais em que cada polícia dispõe no enfrentamento da criminalidade. O estudo permite formular questões pertinentes e gera uma reflexão quanto à atuação das polícias em outros países e mais particularmente no Brasil.

Dominique Monjardet (2002), no texto intitulado “O que faz a polícia”, afirma no capítulo “A profissão policial” que a constituição de um estereótipo está presente na relação entre a eficácia policial e os constrangimentos da regra. Na realidade existem traços que não são partilhados por todos, porém, colaboram para a formação de uma consciência coletiva influenciada pela mídia e pelo público. A atividade policial pode ser prejudicada pela informação de ambos e, para a maioria dos policiais, o recurso à força assume um caráter legítimo. Segundo Monjardet, a relação do policial com a lei marca um traço de submissão do mesmo à regra do direito. Neste sentido, a lei é um elemento de coerção com forte aspecto de arbitrariedade e, por vezes, um obstáculo à eficiência policial. Por isso, torna-se importante escapar de atitudes arbitrárias no sentido de evitar sanções. A lei é uma espécie de contrato que estabelece valores, organiza e legitima a convivência social. A polícia recebe do Estado a prerrogativa de atuar como um instrumento de poder em nome do último no que se refere ao discurso legalista, todavia, a ação legítima

ou legal da força policial atende também a um discurso legalista na medida em que defende o privilégio do Estado.

Em “O Monopólio estatal da violência na sociedade brasileira contemporânea”, Sérgio Adorno (2002) aborda sobre o crescimento da violência urbana nos mais diferentes grupos e classes sociais. O autor elenca que tal fenômeno preocupa a sociedade brasileira, haja vista que se apresenta em variadas modalidades, que precisa ser enfrentado na tentativa de suprimir ou ao menos dirimir os casos de criminalidade e violência que geram o sentimento de insegurança e medo.

“Raça, Vitimização e Direitos Humanos” corresponde a um estudo desenvolvido por Nancy Cardia (2004) através do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo. A sua pesquisa traz um recorte temporal entre 1999 e 2003 em que são analisadas experiências dos cidadãos na cidade de São Paulo durante este período. O autor verifica de que modo o contato ou grau contínuo de exposição à violência interfere sobre as crenças e os valores da população no que diz respeito à aplicação da justiça, leis e punição quanto ao uso repressivo da violência pelos agentes do Estado. Enfim, a abordagem pretende identificar quais são as práticas aceitáveis e não aceitáveis que influenciam em face dos valores, notadamente em relação àqueles associados aos Direitos Humanos.

O artigo “A Crise na Segurança Pública no Brasil”, de Fernando Salla (2006), trata da crise no sistema de segurança pública ocorrido em 2006 que especialmente atingiu o Estado de São Paulo. O autor relata que a crise se evidenciou em três momentos que passaram pelos meses de maio, julho e agosto do referido ano. Além dos fatores internos do sistema penitenciário, como foi o caso das rebeliões, externamente consequências também se fizeram presentes por meio das mortes de policiais e agentes penitenciários, como ainda ações de vandalismo que incendiaram e destruíram bases de policiamento comunitário, prédios públicos, agências bancárias, delegacias, supermercados, dentre outros locais, foram os principais alvos.

Em seu artigo “A imagem do policial na literatura brasileira”, Eduardo Manoel de Brito (2007) identifica e examina as imagens que foram elaboradas sobre a instituição policial por escritores brasileiros em três momentos da história do país: primeiros anos da República (1889-1910); Era Vargas (1935-1945); e os anos que

seguem desde a ditadura militar até o processo de abertura política brasileira (1969-1985). O autor salienta que escritores do primeiro momento já faziam críticas sobre a imagem da polícia quanto aos seus preconceitos, atrasos, resistência a inovações, violência desproporcional, corrupção, enfim, de aspectos tão presentes nos dias atuais.

No texto “Prevenção e Controle da Tortura no Brasil”, Paulo Mesquita e Gorete Marques (2007) realizam um estudo sobre a impunidade e a institucionalização da prática da tortura pelas forças do Estado, principalmente por policiais, agentes penitenciários e por funcionários que atuam nas unidades destinadas aos adolescentes que cometem atos infracionais. Verifica-se pela abordagem dos autores que inocentes, suspeitos ou criminosos que estejam sob a custódia do Estado são vítimas de um ciclo de impunidade que impera no país, no qual os agentes do Estado são os principais protagonistas. Propicia-se assim, neste indignável ciclo, a continuidade na utilização desse mecanismo para obter informações, confissões, castigar e até mesmo para exercer controle sobre as pessoas.

Em “Polícias e Manifestações na Sociedade Democrática”, Viviane Cubas e Ariadne Natal (2013) analisam as cenas de violência e vandalismo ocorridas nas manifestações de São Paulo e em outros pontos do Brasil no período entre maio e junho de 2013, colocando-se como ponto de discussão o papel da polícia e dos manifestantes nestes contextos. Elas salientam que o fenômeno da violência é recorrente nas ações policiais de modo que indubitavelmente existe o uso indiscriminado da força. A crítica das autoras recai no sentido de que as polícias ainda não conseguiram atingir o seu ponto de equilíbrio para manter a ordem através da força e respeitando-se a lei. Consequentemente, a ação repressiva da polícia sobre as manifestações provoca inúmeras reações, sejam favoráveis ou contrárias a sua atuação.

Em seu artigo “Colaboração com o trabalho da polícia: respeito é fundamental”, o autor Edmilson Antônio Pereira Júnior (2013) faz uma análise verificando de que modo a confiança dos cidadãos na polícia colabora para o processo de segurança pública, seja quando presencia atos de violência ou criminalidade, seja para cooperar com o policial que atua em sua localidade. É um estudo que mostra, segundo o autor, a associação entre a confiança institucional e a

participação cívica. Enfoca que o respeito dado aos cidadãos, pelos policiais militares, é o ponto crucial para uma maior participação da comunidade nos assuntos atinentes à segurança pública como ainda para uma maior eficácia, confiança e tranquilidade das pessoas em relação ao trabalho da polícia.

Em relação à revisão de literatura sobre os trabalhos que focam a realidade da segurança pública, das polícias e de seus operadores no Estado de Sergipe destacam-se as seguintes pesquisas:

Na monografia “A Polícia Civil em Sergipe: Instituição e Personagens”, Samuel Silveira Amorim (1999) focaliza a polícia, o policial e a forma como eles interagem na sociedade, mostrando também como a instituição policial influencia seus atores e de que forma esses personagens exteriorizam o conhecimento adquirido e modificam o corpo institucional do qual fazem parte.

“GARRA. O “stress” no trabalho: Uma abordagem Histórico-Sociológica sobre um grupo da Polícia Militar/Sergipe”, de Airajan Oliveira Bispo do Vale, Ana Regina Alves de Melo e Quézia Denise Santos da Silva (2001), destaca o desgaste biopsicossocial na vida dos trabalhadores da Polícia Militar, como também, descreve e analisa as representações do grupo GARRA da PM para a população.

“Polícia e Democracia: Desafios à Educação em Direitos Humanos” é um texto que elabora uma série de perspectivas que se desdobram pelo título do livro. No capítulo intitulado “Polícia, Direitos Humanos e Educação para a Cidadania”, Manoel Carlos Mendonça Filho, Maria Cristina Martins, Maria Teresa Nobre e Paulo Sérgio da Costa Neves afirmam que os direitos humanos devem centrar-se em três pilares das funções públicas: segurança, educação e saúde (2002, p. 91). Ainda, sobre o mesmo livro, no tópico “As imagens e representações prévias entre grupos sociais”, Maria Teresa Nobre e Frederico Leão Pinheiro abordam que a violência e as arbitrariedades, cometidas por policiais, contribuem para o desenvolvimento de imagens negativas que se cristalizam na sociedade (2002, p. 187-188).

“O trabalho na sociedade capitalista e saúde mental do trabalhador: o caso da Polícia Militar de Aracaju”, de Jaqueline Oliveira Gomes, Shirley Alessandra A. Góis e Shirley Amanda Maria Santos Leite (2002), analisa as consequências do trabalho na sociedade capitalista contemporânea para a saúde mental do trabalhador na Polícia Militar da capital sergipana.

Em “Reestruturação na Polícia Civil de Sergipe: avanços e retrocessos”, Samuel Silveira Amorim (2003) descreve e analisa o cotidiano daqueles que exercem a atividade policial e os seus padrões de conduta.

“O papel do policial no Estado Democrático de Direito: Bases para novas práticas de atuação da Polícia Judiciária”, de Cátia Simone Gonçalves Emanuelli (2004), analisa a atuação das instituições policiais e de seus agentes em confronto com as suas normas legais. A autora traça a evolução histórica da Polícia Judiciária, analisa seu papel na Constituição de 1988, demonstra os principais problemas enfrentados pelos policiais e enumera as demandas da sociedade em relação à polícia.

Em “Educação, violência e polícia: direitos humanos?” há dois textos a destacar. O primeiro, “Educação, Polícia e Política: Pesquisa de sentidos sobre atividade educativa e sua natureza pública”, de Manoel Mendonça Filho (2004), pontua a polícia como violadora dos direitos humanos e ainda alerta para as diferentes noções e finalidades da educação. O autor discute a concepção de educação do policial direcionada a uma cidadania. O segundo texto, “Educação em Direitos Humanos e Polícia: Pensando Novas Perspectivas”, de Andréa Depieri de Albuquerque Reginato (2004), discute a necessidade da educação em direitos humanos para as polícias.

“Processos sociais e educativos na formação do soldado: um olhar sobre a Polícia Militar de Sergipe”, de Karla Patrícia Barbosa Costa (2005), aborda a formação do soldado militar em Sergipe. A autora explicita os fatores, as consequências e os principais elementos formais e informais que contribuem na formação do soldado militar. Noutra parte da obra, referencia a imagem da Polícia Militar sergipana junto à população.

“Tortura e Direitos Humanos: Uma análise reflexiva”, de Lindomaura Souza de Oliveira, ressalta que a prática da tortura é ainda um mecanismo bastante utilizado no contexto atual, principalmente contra aqueles que são denominados, segundo o mesmo, como “desclassificados sociais”. A autora alerta que para os grandes segmentos da população brasileira, apesar de não existir uma defesa manifestamente pública, a tortura deve ser utilizada como meio necessário ao combate da violência, no entanto, legitimar a sua prática significaria legitimar uma irracionalidade cruel em face da pessoa humana (2007, p. 23-31).

Em sua pesquisa “Representações Sociais, Polícia e Violência: um Estudo Sobre a Violência Policial”, Marcos Santana de Souza (2007) desenvolve uma análise sobre as representações sociais dos policiais militares no Estado de Sergipe no que concerne à violência policial. O seu estudo remete ao contexto da década de 1980, verificando, segundo o mesmo, se os signos que justificam a violência policial ainda continuam vivos no discurso dos seus agentes. O autor salienta que tais representações sociais estão associadas a fatores objetivos que integram um determinado contexto, a citar: origem, escolaridade, renda, consumo, espaço residencial e de sociabilidade.

Um livro datado de 2009, denominado “Segurança Pública: representações sociais e políticas de formação”, cuja organização dos trabalhos científicos coube a Professora Joelina Menezes (UFS), é uma publicação que apresenta consideráveis estudos, dispostos em artigos, desenvolvidos por docentes e discentes no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Violência, Criminalidade e Políticas Públicas da RENAESP/SE/UFS e nos quais abordam e compactuam com o título do livro em questão. A citada publicação, portanto, contou com a colaboração de profissionais do universo acadêmico e membros da sociedade civil em seus mais variados ramos do conhecimento e de atuação profissional.

No texto “Representações Sociais e Segurança Pública: uma interpretação”, Maria Stela Grossi Porto, Professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, estabelece que o crescimento da violência com as suas diferentes modalidades faz com que as pessoas clamem cada vez mais por uma segurança pública, dependente de um conjunto de estratégias na atuação do Estado, as quais direcionem a uma redução da violência e na construção de uma sociedade com convivência mais solidária (2009, p. 14). Em seu estudo enfoca ainda uma definição sobre representações sociais; as representações e práticas tomando-se como parâmetro a realidade do policial civil e militar no Distrito Federal; e uma abordagem, segundo a mesma, possível de representações sociais.

Em seu artigo intitulado “Segurança Pública e Educação: Parceria Intersetorial e Ciclos de Formação Continuada”, Carlos Antônio Mendes de Carvalho Buenos Ayres, Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Piauí, ressalta a importância da RENAESP (Rede Nacional de Altos Estudos em Segurança Pública), da SENASP (Secretaria Nacional de Segurança Pública), no

âmbito do Ministério da justiça, como um organismo de modernização administrativa em que a universidade atua consideravelmente na implementação de uma política específica direcionada à segurança pública. Este autor trata também da política de segurança pública e da política social; das origens e objetivos da Rede Nacional de Altos Estudos em Segurança Pública (RENAESP); de sua estrutura e dinâmica funcional; dos seus desafios e perspectivas. De acordo este docente a específica política governamental intersetorial:

[...] se inscreve na confluência da política de segurança pública com a política social, sendo, portanto, orientada para o desenvolvimento da formação profissional dos agentes públicos encarregados da manutenção da ordem interna no Brasil, sob a égide dos direitos humanos e da civilização ética e cidadã (AYRES, 2009, p. 40).

Na sua pesquisa “(In) segurança: família, polícia e sociedade”, Ivone Freire Costa, Professora da Universidade Federal da Bahia, discute sobre a gestão da segurança pública no Brasil, num contexto brasileiro das médias e grandes cidades, em que violência, criminalidade e transgressões aos direitos humanos fomentam ininterruptamente a necessidade de estabelecer prioridades, planos de ação, estudos e diagnósticos no combate à insegurança e à impunidade (2009, p. 61). O seu artigo aborda sobre as formas de violência, controle social e polícia como ainda faz uma análise da polícia, família e (in) segurança no contexto da sociedade brasileira.

Em “Policimento Comunitário e Crise da Segurança Pública: um estudo de caso”, os Professores Paulo S. C. Neves e Gleise Rocha Passos, da Universidade Federal de Sergipe, desenvolvem uma discussão sobre a implantação do modelo de polícia comunitária, pela Polícia Militar do Estado de Sergipe, em uma dada localidade (Bairro América), ressaltando que a sua compreensão ultrapassa o campo técnico-policial (2009, p. 87). Neste sentido, o texto trata sobre a segurança pública como uma questão política; a segurança pública no Brasil; e o policiamento comunitário com as suas potencialidades e limites.

No estudo “Territorialidade e Discriminação Racial: práticas e espaços estigmatizados”, o Professor Wellington de Jesus Bomfim, da Universidade Federal de Sergipe, enfoca sobre a construção do estereótipo e a estigmatização de indivíduos que vivem em determinado contexto de organização como ainda são discriminados por assumirem uma tipificação e diferença em sua identidade social

(2009, p. 109). O autor ressalta que a formação de uma polícia mais humanizada não se explica por uma questão de grau de escolaridade ou de uma maior instrução dos policiais, visto que:

[...] talvez estejamos diante de uma instituição formada e consolidada em bases históricas, e que suas funções tradicionais como papéis que serão exercidos não importa por que pessoas. Acrescente-se que a violência tornou-se um fenômeno social legitimado, e isso define parte da forma de intervenção dessa instituição. A repressão ostensiva é algo que, para os que pretendem uma polícia mais humanizada, se configura como um grande desafio (BOMFIM, 2009, p. 110).

A docente Gabriela Maia Rebouças, da Universidade Tiradentes (SE), traz em sua pesquisa, “Cores e Patentes: narrativas de subjetivação (Registros sobre o Seminário *A cor da violência*)”, um debate sobre a segurança pública, violência – especificamente a violência institucional – racismo, violações aos direitos humanos, minorias étnicas e de gênero. Professores, estudantes universitários e profissionais da segurança pública, sendo policiais de significativas patentes, participaram do citado evento (2009, p. 113).

No texto “Reflexões Acerca da Importância das Penas Alternativas na Promoção da Segurança Pública”, desenvolvido pela docente e Mestre em Direito, Denise Leal F. Albano Leopoldo, da Universidade Federal de Sergipe, e pela discente Márcia Melo de Oliveira Santos, Psicóloga atuando na Vara de Execução de Medidas e Penas Alternativas, no Tribunal de Justiça de Sergipe, traça-se uma breve análise sobre a aplicação das penas alternativas e as suas repercussões, tanto positiva quanto negativamente, no processo da segurança pública (2009, p. 127). Neste estudo, questões como insegurança e criminalidade, o poder punitivo do Estado, as penas alternativas na promoção da segurança pública e no ordenamento jurídico brasileiro são tratados como pontos centrais da referida pesquisa.

“Quem Vigia as Polícias? Análise da atuação da Corregedoria da PM/SE em casos noticiados de desvio de conduta entre julho de 2006 e junho de 2007”, corresponde a um estudo realizado pelo discente, Graduado em Administração de Empresas, Bacharel em Direito e Policial Rodoviário Federal, Márcio José Freire Ribeiro. A sua pesquisa aborda sobre o Estado Democrático de Direito, a atividade policial e o controle na Polícia Militar de Sergipe, destacando-se a metodologia utilizada, universo e amostra, como ainda a análise dos resultados obtidos em seu estudo. O autor alerta sobre os consideráveis níveis de descrédito e desconfiança

em relação às instituições policiais, haja vista as constantes denúncias de abuso de autoridade cometido por seus agentes. Em suas palavras:

É fato amplamente difundido que as agências policiais e seus operadores gozam de baixos níveis de credibilidade e confiança no Brasil. Muito dessa desconfiança nasce das constantes denúncias trazidas pela imprensa sobre a atuação abusiva dos policiais brasileiros. Alguns casos acabam sendo emblemáticos enquanto reveladores dessa atuação “desviada e desvirtuada” da polícia no Brasil, como a Chacina da Candelária, Caso da Favela Naval e Massacre de Eldorado dos Carajás, dentre outros (RIBEIRO, 2009, p. 145).

No artigo “Processo de Capacitação do Policial Civil em Sergipe: a (de) formação sustentada pela cultura”, a discente Shirley Ferreira Campos, Pedagoga e Policial Civil, discute sobre a formação dos policiais (agentes de polícia judiciária) enquanto mudança de paradigma, a avaliação do currículo para se repensar a formação policial, a visão do policial quanto a sua formação e desempenho e a influência da cultura policial neste processo de formação. A autora destaca que a deficiência na qualificação dos respectivos profissionais relaciona-se com a falta de importância dada a sua formação humanística, essenciais para dar suporte nas reflexões e ações do policial (2009, p. 177).

Em sua pesquisa “O Olhar do Adolescente de Aracaju Sobre a Polícia: um estudo acerca da imagem”, a discente Robenilde Gonçalves de Oliveira, Psicóloga e Agente de Polícia Judiciária, analisa a imagem do policial, na visão de adolescentes, e identifica as principais características dadas a este profissional de acordo com o contexto social no qual está imerso (2009, p. 182). Segundo esta autora, o policial, na ótica dos adolescentes e após uma pesquisa de campo realizada em quatro escolas da grande Aracaju, com análise de 108 redações, assume diferentes atributos positivos e negativos em sua condição real e ideal.

No texto “Mecanismos de Prevenção e Combate à Tortura Praticada por Policiais Militares no Estado de Sergipe”, Ildomário Santos Gomes, Capitão da Polícia Militar, Bacharel em Ciências Sociais e em Segurança Pública pela PM/DF, argumenta que houve uma evolução na legislação brasileira após a Constituição Federal de 1988 no que diz respeito aos direitos e garantias individuais dos cidadãos, entretanto, a defesa dos direitos humanos se encontra, de acordo com a seu entendimento, em certa estagnação, principalmente em relação aos grupos social e economicamente mais carentes (2009, p. 195). Para tanto, no tocante ao

polêmico tema, propõe algumas medidas consideradas essenciais para a prevenção e combate à tortura. No que concerne à atividade policial o citado autor alerta que:

A continuidade da tortura corrobora a incompetência policial, oriunda de um sistema investigativo ineficiente, causado por falta de investimentos em capacitação e equipamentos. A alternativa encontrada pelos policiais é lançar mão dos meios que estão ao seu alcance para conseguir informações, inclusive fazendo uso de métodos extremos de supliciar suspeitos (GOMES, 2009, p. 203).

Outro trabalho presente na referida publicação e que merece destaque por tratar exclusivamente sobre o tema desta monografia é “Polícia! Para Quem Precisa: a imagem do policial na música popular brasileira”. Seu autor, Wilton Márcio Rodrigues de Jesus, graduado em História Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe e Guarda Municipal em Aracaju, apresenta em seu estudo uma análise das representações da polícia e de seus operadores na música popular brasileira, elenca e examina os atributos ou perfis do policial nessas produções e relaciona estas representações com seu contexto sociocultural (2009, p. 205-206). Nesta pesquisa são analisadas 24 composições (dos anos 80, 90 e primeiros anos do século XXI), de gêneros diversificados, à luz dos conceitos de “estereótipo” e “estigma” formulados, respectivamente, por Patrick Charaudeau / Dominique Maingueneau (2004), no “Dicionário de Análise do Discurso”, e Erving Goffman (1975) em “Estigma. Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada”.

Ainda neste contexto da revisão de literatura sobre trabalhos que merecem destaque e que se aproximam do tema abordado na presente pesquisa, destacam-se os seguintes textos:

“O psicopata e a legislação penal brasileira: a (in) eficácia da aplicabilidade da medida de segurança ao indivíduo portador de personalidade psicopática”, elaborado pela discente Jenykleide Silva de Oliveira, da Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe (FANESE), trata sobre o transtorno de personalidade que resulta em um perigoso comportamento antissocial que entra em conflito com o sistema legal, as regras sociais e por práticas que configuram crimes violentos e carregados de fortes estigmas (OLIVEIRA, 2012, p. 19-20).

“A responsabilidade do policial pelo uso de algemas: uma análise crítica”, de Abiner Lobo, aborda que o sistema de segurança pública conta com uma série de instrumentos que devem garantir a prevenção, vigilância, repressão, reparação,

como ainda as liberdades individuais e a defesa dos direitos sociais. Neste quadro, conforme o autor, as instituições policiais assumem um papel de destaque na manutenção e preservação do Estado Democrático de Direito (LOBO, 2013, p. 28-29).

Em “Polícia e violência: representações sociais de elites policiais do Distrito Federal”, a docente Maria Stela Grossi Porto (2014) analisa as representações sociais conferidas aos policiais civis, militares e do exército de acordo com a violência adotada por estas instituições. No seu estudo elenca a cultura, formas, modelos de estrutura, organização e gestão das atribuições policiais, de modo a focar nas relações que devem existir entre polícia e sociedade. Seu texto se propõe a lançar uma reflexão acerca do sentido e do significado da violência policial, através de um processo de inclusão e exclusão vivenciados por diferentes atores sociais.

Por fim, no texto “O cidadão policial militar e sua visão da relação polícia-sociedade”, Paulo Rogério Meira Menandro e Lídio de Souza (2014) apresentam as informações alcançadas por meio de uma pesquisa que traz como pontos de análise a percepção dos recém-ingressos na carreira policial, à visão que a população tem sobre a sua atividade, as polêmicas que envolvem a relação da polícia com a sociedade e sugestões que direcionem a uma melhor execução da atividade policial. A citada pesquisa confirmou que a percepção da sociedade sobre a atividade policial é predominantemente negativa de modo que as propostas para uma melhoria em seu funcionamento ficaram restritas ao âmbito da própria instituição policial.

3. ESTIGMAS, ESTEREÓTIPOS E PODER

Na elucidação do objeto desta pesquisa, “Estereótipos e Estigmas: faces do policial na Música Popular Brasileira”, são utilizados os conceitos de estigmas, estereótipos e poder. O entendimento destes fenômenos é de suma importância para o desenvolvimento da fundamentação teórica, isto é, para a inserção de parâmetros conceituais relevantes, possíveis de compreensão, de contextualização e principalmente na descoberta e na aplicação de um diagnóstico eficaz que direcione ao tratamento adequado do problema-objeto da presente pesquisa.

3.1 Erving Goffman – Conceito de Estigma

No livro “Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada”, Erving Goffman (1975) aborda estigma como uma categorização social que se naturaliza e persiste nos indivíduos de um determinado ambiente organizacional. O estigma, além do caráter depreciativo de um atributo, envolve uma linguagem de relações em que a identificação de uma normalidade ou não do outro se dá pelos atributos apresentados. Em outras palavras, o estigma envolve uma relação direta entre atributo e estereótipo.

3.2 Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau – Conceito de Estereótipo

No “Dicionário de análise do discurso”, Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2004) apresentam o estereótipo, em seu nível conceitual, como imagem pronta, representação coletiva cristalizada, crença pré-concebida e nociva a grupos ou a indivíduos. Com esse caráter, o estereótipo fundamenta o preconceito e a discriminação social. Estes se constituem como fatores de exclusão de determinados indivíduos, grupos ou classes sociais.

3.3 Michel Foucault – Conceito de Poder

Michel Foucault (1997) realiza um estudo que remete ao funcionamento do poder no qual é exercido em rede, em níveis variados e pontos diferentes dentro da sociedade. Este conjunto de elementos resulta nos chamados micropoderes que podem ou não estar vinculados ao Estado. O autor afirma que o poder em si não existe, todavia, o que se configura em seu funcionamento são diferentes formas, práticas ou relações de poder que se efetua. Ressalta ainda que, negativamente, o poder se constitui como aparelho repressivo do Estado, contudo, positivamente, a vontade é encaminhada para uma satisfação de prazeres e desejos de um indivíduo ou de determinado grupo. Portanto, o exercício do poder atinge diretamente os indivíduos através do controle de seus gestos, comportamentos, atitudes e discursos, enfim, com vigilância perpétua e constante.

4. A POLÍCIA CANTADA: FACES DO POLICIAL NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Esta monografia realiza um estudo sobre as representações da polícia e de seus operadores na música popular brasileira, elenca e examina os atributos ou perfis do policial nessas produções, identifica a construção de uma imagem negativa deste profissional e relaciona estas representações com seu contexto sociocultural. Nesta pesquisa são analisadas 27 composições (dos anos 80, 90 e produções mais recentes do século XXI), de gêneros diversificados, à luz dos conceitos de “estereótipo” e “estigma”.

4.1 Descrição e Análise dos Perfis mais Evidenciados nas Composições

O policial tem presença frequente em muitas composições musicais do Brasil contemporâneo. É, todavia, sob o signo de negatividade que ele vem apresentado. As letras apresentam, principalmente, o policial como truculento (violento), “esquizofrênico”, corrupto e animalesco.

Em muitas composições, o policial é alguém cujo abuso de poder se reflete em ações truculentas. A imagem agressiva e repressora da polícia é uma característica marcante nas letras da banda **Ratos de Porão**. Das letras coletadas é uma das que mais crítica à instituição. Um exemplo é “Agressão/Repressão”, faixa do LP “Crucificados pelo Sistema”, de 1984 e, posteriormente, regravado em 2000: “É preciso mudar o sistema policial (...) / Em vez de proteger a população / Vivem agredindo algum cidadão / Sem nenhuma razão...”. A proteção, principal objetivo da atividade policial, é substituída pela violência contra a população. Operadores agem de acordo com um sistema que lhe dita às regras. A mudança deste quadro, conforme o texto, envolve uma correção do policial ou sua substituição, mas também, do próprio sistema que o envolve. De acordo com Erving Goffman, a aproximação do indivíduo estigmatizado com outras pessoas se dá agressivamente (1975, p. 27).

Idêntica visão tem o letrista de “Batalhões de estranhos” da banda **Camisa de Vênus**. Nela a polícia, particularmente a militar, tem o sinônimo de terror. A

composição é uma das faixas do LP de mesmo título lançado em 1984: “Eles vêm e vão com força de quem arrasa / Eles vêm e vão, mas nós ficamos em casa...”. Conforme o texto, a polícia age de forma hostil com os abordados. O modo como esta instituição se aproxima da população cria um ambiente inseguro. A presença da polícia em diferentes locais de atuação se dá violentamente. Os moradores respiram um clima de medo provocado por aqueles que, em nome da “segurança”, tornam as pessoas prisioneiras de suas próprias residências. Para Fernando Bastos de Ávila, as agressões são as formas mais comuns de anticolaboração. Elas podem chegar a manifestações violentas que resultam no crime (1976, p. 164).

A violência, como uma constante da prática policial, está presente em muitas composições. Contudo, algumas vislumbram uma possível mudança. É o que se observa em “São Paulo”, da banda **Cólera** no LP “Tente mudar o amanhã” de 1985: “A violência da polícia/ Puta-merda que vergonha / Quando isso vai mudar?...”. “São Paulo”, como se vê, denuncia a rotina da violência policial presente em todos os cantos das grandes cidades. O autor interroga: “quando isso vai mudar?”. O questionamento, carregado de angústia, evidencia uma expectativa de mudança. Ele vislumbra outra polícia.

As funções legais do policial, enquanto executor da segurança pública, não foram esquecidas por alguns compositores. “Polícia”, composição de Tony Belloto, da banda **Titãs**, lançada em 1986, no LP “Cabeça Dinossauro”, expressa as principais atribuições do policial ideal: ajudar, proteger, parar (abordar) e prender. Ao mesmo tempo, critica a atuação e o papel das instituições policiais. Um de seus versos diz: “Polícia! Para quem precisa”. O refrão coloca em xeque se realmente a polícia atende as necessidades da população. O segundo, “Polícia! Para quem precisa de polícia”, duvida se as pessoas precisam mesmo da polícia para se sentir seguras. A instituição passou a ser vista como um sinônimo de insegurança. Conforme o artigo 144 da Constituição Federal, as polícias civis e militares integram a segurança pública. A primeira cabe às funções de polícia judiciária e a apuração de infrações penais, excetuando as militares. Já a segunda compete à polícia ostensiva e a preservação da ordem pública (2000, p. 73). Ricardo Balestreri reforça que a polícia tem a função de zelar pela segurança pública e pelo direito do cidadão, preservando assim, a sua integridade física e moral (1998, p. 21).

“Selvagem”, de Herbert Vianna, da banda **Paralamas do Sucesso**, faixa-título do LP lançado em 1986, deixa bem claro a ostensiva violência da polícia. Ela possui os instrumentos necessários para dominar a população e manter a “ordem”. O caráter repressivo e/ou punitivo da polícia é a marca registrada da composição: “A polícia apresenta suas armas/ Escudos transparentes, cassetetes/ Capacetes reluzentes/ E a determinação de manter/ Em seu lugar ...”. O aparato policial serve para mostrar que a instituição está preparada para combater distúrbios sociais. Mesmo sem usá-lo, a polícia diz por ele que os sentimentos de revolta da população podem ser contidos.

“Veraneio vascaína”, do **Capital Inicial**, composição de Flávio Lemos e Renato Russo, lançada em 1986, também documenta o policial como portador de desvio comportamental ou psicológico. A letra enfoca elementos do comportamento “esquizofrênico” de alguns policiais: “Cuidado, pessoal, lá vem vindo a veraneio / Toda pintada de preto, branco, cinza e vermelho / Com números do lado, dentro dois ou três tarados / Assassinos armados, uniformizados...”. Em Larousse, a tara é um estigma ou um desvio que geralmente implica numa perversão (2001, p. 948). O termo “tarados” expressa bem esse desvio de comportamento de policiais. Estes são apresentados por falhas que se relacionam a distúrbios patológicos.

Outra imagem observada nas músicas é a do policial corrupto. Tal ocorre, por exemplo, em “Contravenção”, faixa do LP “Rock’n Geral”, de 1987, da banda **Barão Vermelho**. A música fala da vontade de viver momentos de satisfação pessoal sem impedimentos. Os versos finais documentam um fator que leva ao descrédito da corporação policial: “E se a polícia me parar / Eu dou uma grana pra aliviar...”. A propina é a gratificação dada aos policiais pelos “serviços” prestados. Neste caso, a prestação é facilitada quando se tem o “agrado”. Essa estratégia faz parte do famoso “jeitinho brasileiro”.

O perfil animalesco do policial também aparece em algumas composições. A banda **Inocentes** extravasa em “Maldita Polícia” toda a sua revolta e aponta as principais características negativas dos policiais. A composição lançada em 1988, no LP “Miséria e Fome”, diz: “Nos tratam como animais, eles não são imparciais / Usam do medo, da violência e da repressão / São as mãos do poder e da corrupção...”. “Maldita Polícia”, documenta assim, o comportamento animalesco de alguns policiais quando abordam suas vítimas. Estas são tratadas estupidamente para justificar a

ação “selvagem” desses agentes. Eles extravasam o seu poder naqueles que são humilhados. Segundo Charaudeau e Maingueneau o estigma se relaciona com o banal e a repetição mecânica dessas ações adotadas pelos indivíduos ou grupos (2004, p. 213).

O comportamento “esquizofrênico” do policial também aparece em “Porcos Sanguinários” do LP “Brasil” de 1989, composição de João Gordo, vocalista do **Ratos de Porão**: “Merda na cabeça / Na mão um treisoitão / São uns porcos sanguinários / Sádicos nojentos / Eles querem te humilhar...”. A música retrata os policiais no perfil de “sádicos nojentos”. Esta caracterização mostra que os mesmos se satisfazem com o sofrimento alheio através de suas perversões. Balestreri afirma que policiais, submetidos a violento estresse psicológico, podem assumir personalidades sádicas e depravadas. Contudo, estas atitudes são protegidas pela autoridade que os policiais exercem (1998, p. 27).

“Cai água, cai barraco”, do grupo **Biquini Cavado**, é uma das faixas do CD “Descivilização” lançado em 1991. A letra apresenta um ambiente de violência: “E sobe o morro, sobe o pau, sobe o diabo / (desce o pau em toda gente, "a gente temo que corrê") / Corre pra cima e pra baixo, se enfia num buraco / (Manda fogo na polícia, "pr'esses caras aprendê")”. O criminoso do morro corre numa tentativa de fuga e entra em conflito armado com a polícia. Esta agride qualquer um que atrapalhe seu caminho. O verso “Manda fogo na polícia” enfoca a revolta da população contra a instituição.

Às vezes as músicas mostram o policial com um misto de impotente e corrupto. É o que se observa em “Criminalidade”, de **Edson Gomes** no CD “Campo de Batalha”, de 1991: “É tanta violência na cidade / Brother é tanta criminalidade // (...) E nem mesmo a polícia pode impedir / Às vezes a polícia entra no jogo...”. Para o compositor não há uma política de segurança pública capaz de sanar esses problemas. A polícia, enquanto instituição de segurança, mostra-se ineficiente na atuação ou conivente com a corrupção e outras práticas criminosas. Para Bernardo Sorj a fragilidade do sistema institucional resulta em sua desmoralização porque a população sofre o descontrole e a ineficácia do aparato judiciário e repressivo (2001, p. 24-25).

“Porcos fardados”, de Marcelo D2 e Rafael, do **Planet Hemp**, faixa do CD “Usuário” de 1995, também critica a violência policial. Colocando os policiais como

“porcos da lei”, a letra diz que a polícia, além de ineficiente, amedronta e atua de forma preconceituosa de acordo com a classe social dos indivíduos: “Porcos da lei são todos marginais/ matam pessoas inocentes e continuam em paz/ despreparados, incompetentes agem acima da razão/ ao invés de impor a segurança, apavoram a população...”. Segundo David Garrioch, os insultos expressam a sociedade que o veiculam. Eles podem chocar, entreter ou divertir (1997, p. 121). O termo “porco”, conforme Larousse, faz menção à pessoa suja, imunda, que age de forma indecente ou obscena (2001, p. 783). Na visão de Edmund Leach, o porco é um carniceiro generalizado que carrega o estigma de “nojento” (1983, p. 190). É assim que o policial comparece na composição do Planet Hemp. De acordo com a letra, policiais (porcos fardados) não são dignos com a função que exercem. Os envolvidos com o crime “sujam” a instituição com práticas que chegam ao extremo (por exemplo, matar). Eles se valem da autoridade para agir agressivamente com as pessoas. Com esse perfil, são incompetentes e despreparados. Impõem o medo ao invés de segurança.

É ainda como ser violento que o policial comparece em “A Fumaça Já Subiu Pra Cuca”, lançado em 1996, por **Bezerra da Silva**, no CD “Meu Samba é Duro na Queda”: “Os federais queriam o bagulho / e sentou a mamona na rapaziada...”. Na composição, “sentar a mamona”, na linguagem do malandro, significa dar “porrada”, “corretivo”, “conselho” no grupo suspeito por portar o “bagulho” (produto do crime).

Legião Urbana é outra banda cujas músicas mostram a polícia como instituição aterrorizante. Além da obediência à polícia, as pessoas convivem com o medo de tê-la por perto. Este fato ocorre em “Música de Trabalho”, de Renato Russo, no CD “A Tempestade” de 1996: “Sei que existe injustiça / Eu sei o que acontece / Tenho medo da polícia / Eu sei o que acontece / Se você não segue as ordens / Se você não obedece ...”. O medo, no dizer do artista, é resultado do péssimo trabalho que a polícia vem realizando. As pessoas ficam destinadas ao sofrimento se não obedecerem os policiais.

Do mesmo modo, “Cavaleiros Azuis”, do grupo **Natiruts**, do CD “Povo Brasileiro”, lançado em 1999, é mais uma composição que descreve a forma hostil da ação de policiais: “Não está livre de ser humilhado, basta pra isso num beco encontrar / Um ou mais cavaleiros azuis, sempre com suas espadas na mão / Pegando sua dignidade e jogando-a toda no chão.”. A abordagem policial, diz o

letrista, é motivo de insegurança. Mesmo que haja colaboração, a truculência de alguns policiais vai da agressão física à moral. Com armas nas mãos, humilham suas vítimas. Segundo Goffman, o indivíduo estigmatizado se sente inseguro pela forma como os normais o identificam e o recebem. Ele não sabe o que os outros estão pensando dele (1975, p. 23).

É ainda como corrupto que o policial aparece na composição de Marcelo Yuka, “Tribunal de Rua”, do CD “Lado B Lado A”, lançado pelo grupo **O Rappa** em 1999: “No início eram três, depois vieram mais quatro / Agora eram sete samurais da extorsão...”. O termo “samurai” corresponde ao antigo guerreiro japonês, membro da casta militar. Já a extorsão, de acordo com o artigo 158 do Código Penal, significa constranger alguém mediante violência ou grave ameaça para obter indevida vantagem econômica. É desta forma que policiais extorsionários agem sobre as vítimas. Os “samurais da extorsão”, além de corruptos, humilham as vítimas. Por onde passam, esses “guerreiros” amedrontam. Aquela expressão mostra uma dissonância entre proteção e corrupção.

Na composição “190 Há! Há!”, do **Pavilhão 9**, no CD “Reação” de 2001, a polícia tem sua presença ridicularizada: “A lei da rua eu já sei/ Pague pra ver você/ Corre do assunto, finge não ver/ Não se move, fica mudo/ Me diga quem faz a lei por aqui? / 190 Há! Há! Motivo de riso”. A música também mostra a polícia com um misto de impotente e corrupta, pois, nada faz em locais onde bandidos compraram o seu silêncio. Por conta disso, o seu papel tem o descrédito da população.

O comportamento “esquizofrênico” do policial é outro atributo presente em algumas composições. “Homem do povo”, da banda **Natiruts**, composição de Alexandre Carlo e Rodolfo, lançada em 2001, no CD “Verbalize”, diz: “Tirou a farda e não viu que era um homem do povo / Não consegue perceber é complicado pra sua cabeça / E tome chute na moleira do maluco / Tapa na cara do trabalhador / E pro velho corrupto bom dia doutor”. A letra trata do poder simbólico da farda. Esta é capaz de hipnotizar alguns integrantes das forças policiais. A psicologia do policial está dominada pela necessidade de não perder o controle, de exercer autoridade, de não se igualar à condição sofrida do povo em que também faz parte. O policial que não se vê como um “homem do povo” nega a sua procedência. Segundo Roberto DaMatta a farda funciona como uma individualização que segrega rigidamente. Sendo assim, as fardas são símbolos de poder (1997, p. 61). Michel Foucault (1997)

analisa que a influência deste poder sobre alguns indivíduos pode direcionar a formação de convicções mentais que se externam em atitudes e padrões de pensamento característicos utilizados pela máquina do poder e que levam esses mesmos indivíduos a estabelecerem parâmetros de julgamentos e de classificações em relação ao outro.

Em “O animal”, composição do grupo sergipano **Karne Krua**, lançada em 2001, no CD “Em Carne Viva”, busca-se o porquê do comportamento animalesco de policiais: “A farda é uma jaula / Onde só cabe um animal... / Quero entender / Porque o homem fica assim / Quero entender / Porque o animal age assim”. Conforme a música, a jaula molda um animal, que deve estar preparado para aniquilar o “inimigo”. A farda constitui um novo ser, que não pensa mais: age como “animal”. Neste sentido, o comportamento “irracional” do policial nega também a sua identidade. Para Florian Znanieck, cada elemento de um sistema cultural tem o significado daqueles que o usam continuamente (1984, p. 88). Neste sentido, a formação do indivíduo é bastante influenciada pelo meio cultural que o envolve. Ele adota padrões de comportamento e valores aceitáveis ou de domínio daqueles que integram o corpo social.

Idêntica imagem aparece em “O Suspeito”, lançado em 2003, no CD “Sonidos de la Guerrilla”, da banda **Word’s Guerrilla**. Conforme a música: “Ele apanhou / Como escravo / Dos cães adestrados / Do Estado...”. “O Suspeito” é mais uma composição que enfoca os policiais como “animais”. A denominação “cães”, conforme Larousse, retrata um desprezo dado às pessoas más (2001, p. 157). Para Edmund Leach (1983), apontar alguém como cachorro é vê-lo como uma representação do mal. “Cães adestrados do Estado” alude à submissão dos policiais ao poder estatal. Eles são “adestrados” para obedecer e agir com disciplina. De acordo com Balestreri, em muitas academias de polícia seus integrantes ainda são “adestrados” e submetidos a maus-tratos. Isto decorre de uma ideologia militar presente nas polícias ostensiva e judiciária (1998, p. 27). Michel Foucault (1997) reforça esse entendimento ao descrever que a negatividade dos efeitos do poder assume o caráter de excluir, reprimir, recalcar ou censurar. Entretanto, assevera ainda que quando se parte para um viés positivo de aplicação do poder, o objetivo não está em supliciar ou mutilar o corpo, e sim, em aprimorá-lo ou adestrá-lo.

A banda **Reação**, em “Sinal de alerta”, de Wipson Firmino e J. Moziah, faz a descrição desta incômoda situação. A música, lançada em 2003, no CD “Ao Vivo no Estação 4”, diz: “Você censura minha erva / E o álcool é legalizado / Você faz coisas violentas / E diz que estava alcoolizado / Cansei da sua hipocrisia / Você estava era drogado”. “Sinal de Alerta” é outra composição que encara o policial como hipócrita, pois, reprime comportamentos que os próprios policiais praticam: o uso de drogas. Alguns policiais se valem da profissão para satisfazer vícios que explicam seu desvio de comportamento.

Bandas como **Tolerância Zero** descrevem a polícia de forma bem odiosa. Em “Quem é normal?” do CD “Azar”, lançado em 2003, os policiais são apresentados como pervertidos, agressivos, racistas, assassinos: “Vou falar do perfil de um desgraçado / Descrito com toda a lucidez da perversão humana (...) / A cena que eu vejo são soldados armados / Agressivos debilóides que dão nojo, entojão...”. “Quem é normal” descreve o policial como um inimigo em potencial. As pessoas têm uma imagem ruim da polícia porque sabem que alguns deles são capazes de cometer atrocidades. Os insultos, diz Garrioch, expressam impaciência, ódio ou desaprovação (1997, p. 122).

Associar a polícia a situações de caos social também é comum. “Brincando do jeito que dá” da banda **Devotos do Ódio** (atualmente Devotos), uma das faixas do CD “Flores com Espinhos para o Rei”, lançado em 2006, mostra a polícia como responsável pela insegurança nos locais onde predominam os despossuídos: “Vida longa a polícia militar, / que quando sobe é só desgraça...”. A letra retrata a condição de incerteza do povo sobre seu futuro em um local violento, possivelmente um morro que abriga favelados vítimas de violência e arbitrariedades policiais. Esta insegurança, portanto, não é pela ausência, e sim, pela presença da polícia nesses locais. A atuação da polícia nos morros ocorre de forma perversa contra inocentes. Sem saída ficam envolvidos numa “guerra” entre policiais e criminosos. A “vida longa a polícia militar” é uma saudação irônica que coloca a instituição como alvo predileto dos bandidos.

A atuação violenta do policial também é enfocada em “Baculejo”, da banda sergipana **Alapada**, lançado em 2007 no CD “Ao vivo em Sampa”. “Baculejo” apresenta os procedimentos dos policiais quando abordam suas vítimas. A composição conta a história, parecida com outras, de um indivíduo violentamente

abordado por policiais. É o famoso “bater para depois perguntar”: “E toma baculejo, mão na cabeça que o pau quebra / Me abordaram na rua não sei nem por que / nem pediram documento, vieram pra bater...”. Levar um “baculejo” de policiais é uma situação bastante desagradável, principalmente da forma como ele é feito. Abordar indivíduos sem motivo aparente e com violência é se valer da autoridade para justificar abusos de poder. A agressão, em alguns casos, pode ainda ser uma maneira de extravasar frustrações.

O CD “Sobrevivendo no Inferno” de 2007 é um dos principais álbuns do grupo **Racionais MC’s**. A faixa intitulada “Mágico de Oz” retrata a realidade das favelas, locais onde a ausência do Estado, na adoção de políticas públicas, semeia um campo propício para atos de violência e de criminalidade imensuráveis. Na música, destaca-se, entre outras, essa importante passagem: “... Moleque de rua rouba, o governo, a polícia no Brasil/ Quem não rouba? Ele só não tem diploma pra / Roubar, ele não se esconde atrás de uma farda suja, é / Tudo uma questão de reflexão irmão, é / Uma questão de pensar, Ah, a polícia sempre dá o mal / Exemplo, lava minha rua de sangue, leva o / Ódio pra dentro, pra dentro, de cada canto da cidade ...”. O policial abordado neste contexto tem uma imagem profundamente negativa associada à corrupção, à violência e ao crime. Este profissional assume, portanto, uma conduta viciada e ao mesmo tempo arbitrária em face da dignidade da pessoa humana, atentando contra a liberdade, a vida das pessoas e a paz social.

Na música “Nunca Serão”, do álbum intitulado “Sem Crise”, do CD lançado em 2012, **Gabriel O Pensador** dialoga com o personagem Capitão Nascimento do filme Tropa de Elite, destacando qual deve ser o papel da polícia, qual seja, o de procurar os verdadeiros bandidos. Neste sentido, destaca-se o seguinte trecho: “Conversei com o Nascimento que não pensa como eu penso mas pensando nós chegamos num consenso / Nós somos vítimas da violência estúpida que afeta todo mundo, menos esses vagabundos lá da cúpula corrupta hipócrita e nojenta / Que alimenta a desigualdade e da desigualdade se alimenta / Mantendo essa política perversa/ Que joga preto contra branco, pobre contra rico e vice-versa / Pra eles isso é jogo, esse é o jogo ...”. O compositor tece fortes críticas aos políticos que assumem a condição de agentes corruptos e são insensíveis às causas sociais. Salienta que tanto ele, enquanto cidadão, e o Capitão Nascimento, no exercício da atividade policial, são vítimas da violência e de um processo que alimenta cada vez

mais as desigualdades sociais, através de um jogo planejado por uma política perversa do Estado nos quais determinados políticos veem, na permanência dos mesmos problemas que afligem a população, um meio de continuar no controle e usufruir o poder.

A música “Fardado”, da banda **Titãs**, lançada no álbum “Nheengatu” de 2014, trata da exploração do policial, colocando-o também como vítima de um sistema em que a sua atuação é exercida em nome da legitimação e continuidade do poder através do controle social. A letra traz a seguinte mensagem: “Você também é explorado / Fardado / Você também é explorado / Aqui! / Por que você não abaixa essa arma / O meu direito é seu dever / Por que você não usa essa farda / Pra servir e pra proteger / Ponha-se no meu lugar / Ponha-se no seu lugar / Ponha-se no meu lugar / No meu lugar”. No entanto, o papel exercido pelo profissional condiz com práticas de um policiamento tradicional no qual serve e protege o Estado e não o cidadão necessariamente. Ressalte-se que o policial deve ser visto simultaneamente como um protetor e garantidor de direitos. Para tanto é necessário colocar-se na posição do outro. É fundamental estabelecer um canal de diálogo para entender a real necessidade do cidadão. Servir e proteger o cidadão significam fortalecer a cidadania e preservar os direitos humanos. O policial é treinado por um sistema e por ele deve atuar, contudo, para entender o que realmente acontece é preciso sentir na pele, sair da condição de autor e se enquadrar no contexto da vítima. Abaixar a arma e o escudo denota que o policial deve evitar o enfrentamento, desarmar-se de suas convicções institucionais para tentar uma aproximação com o outro. Esta atualmente é uma das principais alternativas para gerir a segurança pública através de políticas que estabeleçam um modelo de policiamento mais próximo e com confiabilidade recíproca entre a polícia e a comunidade.

5. PERSPECTIVAS PARA UMA NOVA POLÍCIA

5.1 Modelo Tradicional: Treinamento e Formação Policial

É necessário ressaltar o papel de importância que a polícia exerce dentro da sociedade no sentido de manter a estabilidade do poder do Estado, dispondo-se, deste modo, como instrumento essencial na manutenção da organização social.

A instituição policial deve ser encarada como uma extensão da justiça, pois, o seu papel primordial consiste em atender a população nas demandas que atentem contra seus direitos, isto é, a polícia é uma das principais forças do Estado destinada à promoção da cidadania e preservação dos direitos humanos. Ressalte-se que tais direitos acompanham a formação e condução das pessoas dentro da sociedade, constituindo-se assim, em alicerce para a existência humana aonde determinados direitos e liberdades são considerados fundamentais. Os direitos humanos não podem ser violados por governos ou governantes nem tampouco se tornarem algo indisponível para aqueles que desrespeitam as normas de convivência social, mais especificamente quando do cometimento de delitos ou de violação de alguma lei.

No Brasil ainda persiste um modelo tradicional em que o treinamento e a formação policial colocam o Estado em uma postura mais punitiva do que proativa. Punitiva porque o aparato estatal seguiu por muito tempo a estratégia adotada por regimes militares cujo objetivo consistia controlar e reprimir os integrantes da sociedade civil que fossem inimigos reais ou até mesmo suspeitos potenciais da ordem estatal. Neste enfoque, o referido modelo é orientado pela lógica do uso indiscriminado da violência em que negros, pobres, prostitutas, homossexuais, favelados estão entre as principais vítimas desse processo. Frise-se neste ponto que as polícias na América Latina e particularmente no Brasil se pautaram tradicionalmente neste modelo de atuação. Nas palavras do Prof. Paulo S. C. Neves (2009), o conceito de segurança pública se define pela denominada Doutrina de Segurança Nacional:

Essa doutrina, que postulava a ideia de combate à subversão, fez com que fosse montado um grande aparato de repressão policial e política comandado pelas Forças Armadas, que unificaram as polícias estaduais transformando-as em órgãos auxiliares das forças federais. Esse é o modelo de Polícia que conhecemos no Brasil. No país, a Polícia Militar

acabou não atuando no combate direto à subversão, mas foi treinada durante muito tempo de acordo com a Doutrina de Segurança Nacional [...]

Neste interregno, observa-se que os grupos marginalizados e vulneráveis da sociedade brasileira associam-se a novos grupos sociais que também são excluídos e merecem ser atacados segundo a lógica da supramencionada doutrina. Percebe-se, portanto, que esta imagem de combate aos subversivos permanece cristalizada no imaginário das instituições policiais.

5.2 Novo Modelo: Nova Formação Policial

A visão combativa pela qual se pautou as instituições policiais no processo histórico-social da segurança pública passou a ser discutida fervorosamente, a partir dos anos 80, nos âmbitos político e acadêmico. A atuação autoritária e arbitrária das polícias se tornou alvo de críticas ante as medidas repressivas do Estado em face daqueles que cometessem atos lesivos ao patrimônio ou aos membros da sociedade. Foi a partir desse contexto que a segurança pública passou a ser concebida mais como um direito e um dever de cidadania, visto que o processo de implantação e desenvolvimento de políticas necessárias é de responsabilidade de todos, não podendo, deste modo, restringir-se a questão da segurança pública como um assunto meramente de polícia.

Os movimentos que pregam o respeito aos direitos humanos foram fundamentais, pois, esboçou-se uma preocupação em controlar, principalmente externamente, a atuação policial. O controle sobre a conduta de seus agentes aliado à aproximação das instituições policiais junto às comunidades permitiram a idealização de práticas que conduzissem a novos modelos policiais direcionados a uma política preventiva e não mais e unicamente a um comportamento reativo contra o crime.

Desta forma, a filosofia do policiamento comunitário apareceu para diferentes setores da sociedade civil como a possibilidade de constituição dessa “nova polícia”, embasada em uma aproximação mais sólida, eficiente e eficaz das polícias com as comunidades e principalmente orientada na defesa dos direitos humanos. Por exercer um caráter mais preventivo do que repressivo, diante de uma maior aproximação da polícia com a população, o policiamento comunitário

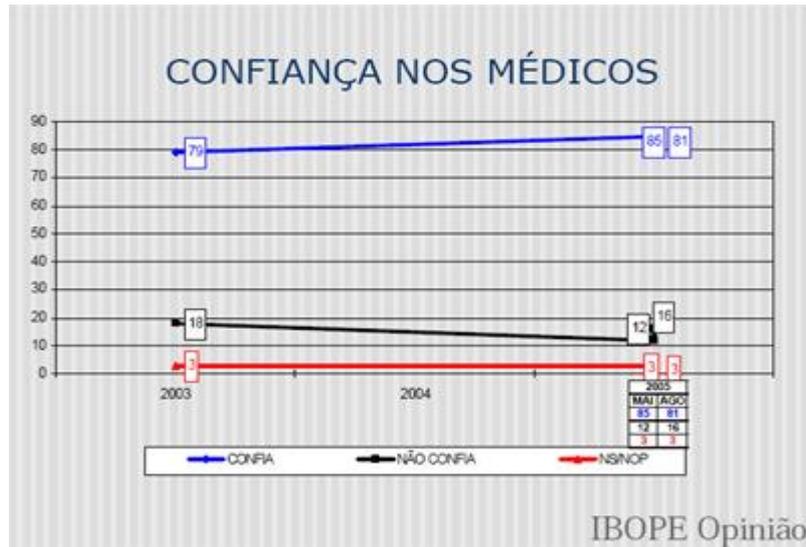
assumiria ainda uma postura assistencialista no atendimento de determinadas ocorrências:

Uma das consequências da aproximação entre polícia e público é a atenção a problemas não criminais, ou seja, a problemas relacionados à desordem. A idéia é que, quando esses problemas não são resolvidos, eles aumentam o sentimento de insegurança e tornam o ambiente mais propício ao crime. Assim, de forma especial, a demanda de ocorrências assistenciais demonstra que, pela intensificação da presença da polícia no bairro e pela postura de prevenção ao crime, o policiamento comunitário acaba lidando, nas zonas mais carentes, com problemas que não estão diretamente ligados à segurança pública (NEVES, 2009, p. 95).

Sendo assim, a falta de segurança alimenta o sentimento de tensão individual ou coletivo, fazendo com que o crescimento dos índices de criminalidade e violência comprometa o equilíbrio na organização e na própria estabilidade social. Neste sentido, o assistencialismo policial colabora tanto para o processo de segurança quanto leva ao fortalecimento de uma integração solidária com a comunidade. Observa-se assim, que o novo modelo perpassa pelo ideal de instituição policial que corresponde ao exercício da atividade com profissionalismo permanente e obrigatório aonde a busca pelo progresso social, em um trabalho conjunto baseado na aproximação e confiabilidade entre polícia e sociedade e com respeito aos direitos humanos, tenha garantido na sua base de organização e convivência social um ambiente ordeiro, tranquilo e que resulte no bem estar das pessoas.

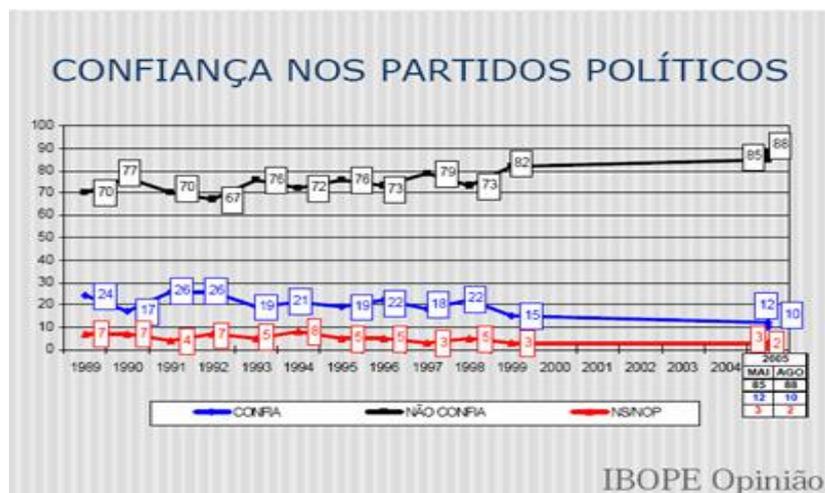
5.3 Diagnóstico Sobre o Grau de Credibilidade de Algumas Instituições Brasileiras

Segundo o site www.news.med.br, referente uma pesquisa realizada entre os dias 18 e 22 de agosto, na qual foram entrevistadas 2.002 pessoas em 143 municípios do país em 2014 pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), a classe médica é a instituição com maior credibilidade entre os brasileiros, no qual o índice de confiança alcança 81%. Em segundo lugar vem a Igreja Católica com 71% e em seguida as Forças Armadas com o índice de 69%. Já os profissionais liberais, tais como engenheiros e advogados, os graus de credibilidade correspondem, respectivamente, a 61% e 48%. Em relação à confiança nos médicos o IBOPE traz o seguinte gráfico:



Fonte: Brasil. Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (2014).

Em contrapartida, os políticos, os partidos, a Câmara dos Deputados, o Senado e a polícia estão entre as instituições que os brasileiros menos confiam, cujos índices de não credibilidade atingem, respectivamente, as faixas de 90%, 88%, 81%, 76% e 61%. O IBOPE ressaltou que a margem de erro é de 2,2 pontos percentuais para mais ou para menos, contudo, a confiabilidade nos dados da pesquisa atinge o grau dos 95%. No que se refere à confiança nos partidos políticos o IBOPE apresenta a seguinte amostra:



Fonte: Brasil. Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (2014).

O IBOPE mede o grau de credibilidade das instituições através do Índice de Confiança Social, instrumento de inteligência desse instituto. Em outra pesquisa, presente no site www.ibope.com.br, analisa-se o desempenho conjunto de

instituições e grupos sociais, verificada no ano de 2008, em que o resultado é apresentado com o percentual de confiança social que dispõem conforme se observa a seguir:



Fonte: Brasil. Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (2008).

Observa-se, pela amostra, que as instituições Corpo de Bombeiros (88%), Igrejas de modo geral (76%) e Forças Armadas (71%) estão entre as de maior credibilidade pelo ponto de vista dos brasileiros. Já o Governo Federal (53%), Poder

Judiciário/Justiça (53%) e a Polícia (52%) fazem parte do rol de instituições com menor credibilidade no contexto social brasileiro.

Esse estudo reforça que o grau de confiança sobre uma instituição em determinado contexto dependerá de uma relação de conformidade entre o comportamento ideal e real da mesma, qual seja, deverá ser constantemente colocada à prova para dar respostas à população quanto ao papel que devem executar. As instituições se tornam mais confiáveis quanto mais próximas estão das pessoas e quando estas têm uma alta expectativa do cumprimento das atribuições institucionais. Deste modo, explica-se uma maior confiabilidade da população sobre o Corpo de Bombeiros porque esta instituição é diariamente avaliada, com atuação permanente e cujos resultados são imediatamente conhecidos. Já em relação às Igrejas, mais especificamente a Igreja Católica, o grau de credibilidade perdura por séculos visto que é resultado do processo de colonização do Brasil pelos portugueses e que, mesmo nas situações de crise enfrentadas ao longo do tempo, tem a capacidade de se revitalizar e de exercer uma atuação permanente ao longo da história. Por fim, as Forças Armadas, apesar de não serem testadas com a mesma frequência, geram uma expectativa de confiança na população porque as suas respectivas instituições (Exército, Marinha e Aeronáutica) são treinadas e preparadas para garantir a segurança do país, estando assim, dispostas ao cumprimento de suas atribuições quando assim forem requisitadas.

De maneira diversa e restringindo-se ao tema desta monografia, destaca-se o papel da polícia na sociedade brasileira que, conforme a pesquisa, faz parte das instituições menos confiáveis. O dado é preocupante, pois, fazendo-se uma análise comparativa sobre as duas pesquisas realizadas nos anos de 2008 e 2014, a polícia continua com seu descrédito perante a população brasileira, entretanto, destaca-se um crescimento no grau de confiança que variou de 52% para 61%. Percebe-se, notadamente, que não há ainda uma conformidade de atuação entre o comportamento ideal e real dos seus operadores.

CONCLUSÃO

O exame da imagem do policial, no âmbito da Música Popular Brasileira, levou às seguintes conclusões: neste campo, a imagem do policial é extremamente negativa, sendo caracterizada por estereótipos estigmatizantes; as imagens mais frequentes, no material examinado, são do policial truculento (violento), “esquizofrênico”, corrupto e animalesco; truculento é o atributo mais recorrente nas letras examinadas; o policial, tematizado em algumas composições, é indiferenciado; as críticas mais evidentes são direcionadas à Polícia Militar que aparece como a instituição mais violenta e arbitrária; as visões estereotipadas e estigmatizantes do policial decorrem de razões históricas e culturais; a ideia de uma polícia repressora, por exemplo, tem forte ligação com a época da ditadura militar (1964-1985); e no conjunto, do material analisado, emerge a imagem da instituição policial como entidade que produz medo e insegurança.

As tentativas de reformulação do funcionamento das polícias, tais como o desenvolvimento de um trabalho de segurança pública em que alia polícia e sociedade na busca de soluções para problemas pontuais e locais, têm apresentado importantes resultados visto que a implantação de políticas de segurança pública requer a participação de todos, sendo portanto, uma responsabilidade conjunta. Este modelo de segurança pública elenca a participação da polícia, porém, coloca a comunidade como protagonista dessa questão (mediação comunitária). Essa mudança de perspectiva em que a polícia deve se aproximar cada vez mais do cidadão começa pela mudança em seu modo de atuação. Como visto, o caráter unicamente repressivo de funcionamento das instituições policiais constitui-se como retrógrado. É fundamental a estruturação do trabalho em um caráter cada vez mais preventivo em que seus operadores sejam treinados e capazes de se tornarem promotores da cidadania e defensores dos direitos humanos. Este conjunto de fatores que leva à formação de um novo perfil das instituições policiais provoca o desenvolvimento de um fenômeno conhecido como segurança cidadã.

Portanto, para a constituição de um novo paradigma no contexto da segurança pública nacional e local e de uma imagem positiva dos policiais e de suas respectivas instituições, o governo (em suas diferentes esferas), as polícias e

principalmente a sociedade devem trabalhar conjuntamente para estabelecer uma política de prevenção da violência e da criminalidade, no que concerne a atuação de policiais, de modo a adotar medidas efetivamente punitivas e promover um perfil de policiamento que seja, ao mesmo tempo, eficiente e eficaz no processo de prevenção, investigação do crime, respeito da lei e essencialmente aos direitos humanos. Algumas das medidas a serem adotadas são as seguintes: modernizar a organização policial com investimentos em novas tecnologias e equipamentos (informatização dos registros, mapeamento das ocorrências de natureza criminal e sistema de monitoramento permanente da atuação policial); aperfeiçoar seus operadores, mediante investimentos na formação, capacitação e qualificação (cursos de policiamento comunitário, padrões de procedimentos operacionais, direitos humanos, uso diferenciado da força, gestão por competências, mediação de conflitos, entre outros); construção e estruturação das delegacias locais e especializadas; fortalecimento das corregedorias em suas respectivas instituições (avaliação e transparência da atividade de policiamento prestada, prevenção da corrupção e da violência policial); e principalmente a efetivação dos direitos e garantias fundamentais preconizados pela Constituição Federal.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. O Monopólio estatal da violência na sociedade brasileira contemporânea. In: **O que ler na ciência social brasileira 1970-2002**. Volume IV. Organizado por Sérgio Miceli. 2002. Disponível em: www.nevusp.org. Acesso em: 14 abr. 2015.

AMORIM, Samuel Silveira. **A Polícia Civil em Sergipe**: Instituição e Personagens. Monografia apresentada à Universidade Federal de Sergipe como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais. Aracaju/SE, 1999.

_____. **Reestruturação na Polícia Civil de Sergipe**: avanços e retrocessos. Dissertação apresentada à Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre; Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio da Costa Neves. São Cristóvão/SE, 2003.

ÁVILA, Fernando Bastos de. **Os processos sociais**. Introdução à Sociologia. Rio de Janeiro: Agir, 1976.

BALESTRERI, Ricardo Brisolla. **Direitos Humanos**: Coisa de Polícia. Ricardo Brisolla Balestreri, CAPEC – Pater Editora: Passo Fundo, RS, 1998.

BAYLEY, David H. **Padrões de Policiamento - Livro 1 da Série "Polícia e Sociedade"**. Publicado por: Ford Foundation/NEV/Edusp. São Paulo, Brasil, 2001. Disponível em: www.nevusp.org. Acesso em: 14 abr. 2015.

_____. **Nova Polícia - Livro 2 da Série Polícia e Sociedade**. Publicado por: Ford Foundation/NEV/Edusp. São Paulo, Brasil, 2001. Disponível em: www.nevusp.org. Acesso em: 14 abr. 2015.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº. 1/92 a 38/2002 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº. 1 a 6/94. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002, 427p.

BRASIL. **Constituição Federal, Código Penal, Código de Processo Penal /** Organizador Luiz Flávio Gomes. – 2. ed. Ver., atual. E ampl. – São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2000.

BRITO, Eduardo Manoel de. A imagem da polícia na literatura dos primeiros anos da república brasileira. In: **Revista Língua e Letras**, 2ºsem. 2007, vol.8, nº15, p.119-129. Disponível em: www.nevusp.org. Acesso em: 14 abr. 2015.

CARDIA, Nancy. **O medo da Polícia e as Graves violações dos Direitos Humanos**. Tempo Social; Ver. Sociol. USP, S. Paulo 9(1): 249-265, maio de 1997.

_____. **Raça, Vitimização e Direitos Humanos**. 2004. Disponível em: www.nevusp.org. Acesso em: 12 abr. 2015.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, Karla Patrícia Barbosa. **Processos sociais e educativos na formação do soldado**: um olhar sobre a Polícia Militar de Sergipe / Karla Patrícia Barbosa Costa. Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio da Costa Neves. São Cristóvão, 2005, 167p.

CUBAS, Viviane; NATAL, Ariandne. **Polícias e Manifestações na Sociedade Democrática**. 2013. Disponível em: www.nevusp.org. Acesso em: 14 abr. 2015.

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

EDUCAÇÃO, VIOLÊNCIA E POLÍCIA: DIREITOS HUMANOS? / organização: Manoel Mendonça Filho – Aracaju: Ed. UFS; Salvador: EDUFBA, 2004, 288 p.

EMANUELLI, Cátia Simone Gonçalves. **O papel do policial no Estado Democrático de Direito**: Bases para novas práticas de atuação da Polícia Judiciária. Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Bacharelado em Direito, disciplina Monografia II, Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Departamento de Direito, Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação da Professora Verônica Lazar Amado. São Cristóvão, março de 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

GARRIOCH, David. Insultos verbais na Paris do século XVIII. In: **História social da linguagem** / Peter Burke e Roy Porter organizadores; tradução Álvaro Hattner. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GOMES, Jaqueline Oliveira; GÓIS, Shirley Alessandra A.; LEITE, Shirley Amanda Maria Santos. **O Trabalho na Sociedade Capitalista e Saúde Mental do Trabalhador**: o caso da Polícia Militar de Aracaju. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Serviço Social da UFS, como requisito para obtenção da graduação em Serviço Social sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lúcia Aranha. São Cristóvão/SE, 2002.

IZUMINO, Wania Pasinato; LOCHE, Adriana Alves; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência policial**: a ação policial justificada pelo estrito cumprimento do dever. Publicado por: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. Brasília, Brasil, 1998.

JÚNIOR, Edmilson Antônio Pereira. Colaboração com o trabalho da polícia: respeito é fundamental. **Rev. bras. segur. pública** / São Paulo, v.7, n.2, 18-31 Ago/Set 2013.

LAROUSSE, Ática. **Dicionário da Língua Portuguesa** – Paris: Larousse / São Paulo: Ática, 2001.

LEACH, Edmund Ronald. Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal. In: **Antropologia** / organizador (da coletânea) Roberto DaMatta; coordenador Florestan Fernandes; tradução Alba Zaluar Guimarães. São Paulo: Ática, 1983.

LOBO, Abiner. **A responsabilidade do policial pelo uso de algemas**: uma análise crítica / Monografia da biblioteca da FANESE. Aracaju, 2013. 89f.

MENANDRO, Paulo Rogério Meira; SOUZA, Lídio de. **O cidadão policial militar e sua visão da relação polícia-sociedade**. Disponível em: revpsico@edu.usp.br. Acesso em: 16 set. 2014.

MESQUITA, Paulo; MARQUES, Gorete. **Prevenção e Controle da Tortura no Brasil**. 2007. Disponível em: www.nevusp.org. Acesso em: 14 abr. 2015.

MONJARDET, Dominique. A profissão policial. In: **O que faz a polícia. Sociologia da Força Pública**. Posfácio: Jean-Marc Erbès. Tradução: Mary Amazonas Leite de Barros. Edição Revista, 2002.

NEME, Cristina. **A Instituição Policial na Ordem Democrática**: o caso da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Sérgio Pinheiro. Dezembro de 1999.

OLIVEIRA, Jenykleide Silva de. **O psicopata e a legislação penal brasileira**: a (in) eficácia da aplicabilidade da medida de segurança ao indivíduo portador de personalidade psicopática / Monografia da biblioteca da FANESE. Aracaju, 2012. 118f.

OLIVEIRA, Lindomaura Souza de. Tortura e Direitos Humanos: Uma análise reflexiva. **Unesc em Revista** / Centro Universitário do Espírito Santo. Vol. 11, n. 21, jan./jun. Colatina: Unesc, p. 17-31, 2007.

POLÍCIA E DEMOCRACIA: DESAFIOS À EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS / Paulo Sérgio da Costa Neves, Célia D. G. Rique e Fábio F. B. Freitas (organizadores); prefácio: Sérgio Adorno; introdução: Paulo Sérgio da Costa Neves. Recife: Gajop; Bagaço, 2002, 296 p.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Polícia e violência**: representações sociais de elites policiais do Distrito Federal. Disponível em: www.nevusp.org. Acesso em: 16 set. 2014.

SALLA, Fernando. A Crise na Segurança Pública no Brasil. In: **Tópicos, Berlim: Revista da Sociedade Brasil** - Alemanha, ano 45, nº 3, p.24-5, 2006. Disponível em: www.nevusp.org. Acesso em: 14 abr. 2015.

SEGURANÇA PÚBLICA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS DE FORMAÇÃO / organização, Joelina Menezes. – São Cristóvão: Editora UFS, 2009, 224 p.

SORJ, Bernardo. **A Nova Sociedade Brasileira**. 2ª edição revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

SOUZA, Marcos Santana de. **Representações Sociais, Polícia e Violência**: um Estudo Sobre a Violência Policial. Trabalho apresentado no II Encontro de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão-SE, Brasil, vol.3, num.5, 2007.

VALE, Airajan Oliveira Bispo do; MELO, Ana Regina Alves de; SILVA, Quézia Denise Santos da. **GARRA. O “Stress” no trabalho**: Uma abordagem Histórico-Sociológica sobre um grupo da Polícia Militar de Sergipe. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do Grau de Bacharel em Serviço Social, sob a orientação da Professora Amy Adelina Coutinho de Faria Alves. São Cristóvão/SE, 2001.

ZNANIECKI, Florian. A noção do valor cultural. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, O. (org.). **Homem e Sociedade**. 14 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. *Tempo Social*; **Rev. Sociol. USP**, São Paulo, p. 05-41, maio de 1997.

Sites:

www.ibope.com.br. Pesquisado em 17 de abril de 2015.

www.news.med.br. Pesquisado em 17 de abril de 2015.

www.nevusp.org. Pesquisado em 14 de abril de 2015.

revpsico@edu.usp.br. Pesquisado em 16 de setembro de 2014.

ANEXOS

- **RATOS DE PORÃO**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: Agressão/Repressão

DISCO: Crucificados pelo Sistema

ANO: 1984

FORMATO: (LP)

SITE: <http://letras.mus.br>

AGRESSÃO/REPRESSÃO

Ratos de Porão

É preciso mudar o sistema policial
Porque eles estão matando a pau
Gente decente

É preciso mudar o sistema policial
Porque eles estão matando a pau
Gente inocente

Em vez de proteger a população
Vivem agredindo algum cidadão
Sem nenhuma razão

Agressão/Repressão
Agressão/Repressão

É preciso mudar o sistema policial
Porque já estamos cansados de agressão

Agressão/Repressão
Agressão/Repressão
Agressão/Repressão

Agressão/Repressão
Agressão/Repressão
Agressão/Repressão

- **CAMISA DE VÊNUS**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: Batalhões de Estranhos

DISCO: Batalhões de Estranhos

ANO: 1984

FORMATO: (LP)

SITE: <http://letras.mus.br>

<http://pt.wikipedia.org>

BATALHÕES DE ESTRANHOS

Camisa de Vênus

Nua e crua para as pessoas da rua
Uma idéia sublime para a prevenção do crime
Observe e informe aos homens de uniforme
Chegam por via aérea, sentinelas de nossa miséria

Eles vem e vão com a força de quem arrasa
Eles vem e vão mas nos ficamos em casa

Patrulham com intensidade os quatros cantos da cidade
Proíbem qualquer mudança, zelando pela segurança
Não de credito aos rumores, de que há ódio, temor e dores
Só empurre a porta e abra, entre nessa dança macabra

Eles vem e vão com a força de quem arrasa
Eles vem e vão mas nos ficamos em casa

- **CÓLERA**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: São Paulo

DISCO: Tente mudar o amanhã

ANO: 1985

FORMATO: (LP)

SITE: <http://pt.wikipedia.org>

SÃO PAULO

Cólera

Mais um outro dia em vão
Encostado na esquina
Vendo gente passar
Um cigarro pra fumar...
Numa noite muito fria
As sirenes a gritar
Violências nas esquinas
E barulho em todo lugar...
Ooh! Ooh! Ooh! Cidade!!!
Ooh! Ooh! Ooh! Cidade!!!
Mais um outro dia em vão
Encostado na estação
Vendo o ódio das pessoas
Toda hora brigão atoa...
A violência da polícia
Putá-merda que vergonha
Quando isso vai mudar
Putá-merda de lugar
Ooh! Ooh! Ooh! Cidade!!!
Ooh! Ooh! Ooh! Cidade!!!
Quando isso vai mudar?
Putá merda de lugar...

- **TITÃS**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: Polícia

DISCO: Cabeça de Dinossauro

ANO: (1986)

FORMATO: (CD, K7, LP)

SITE: <http://letras.mus.br>

<http://pt.wikipedia.org>

OBS: Aparece em outros álbuns:

1. **GO BACK – 1988**
2. **ACUSTICO MTV – 1997**
3. **MTV AO VIVO - 2005**

POLÍCIA

Titãs

Dizem que ela existe
Prá ajudar!
Dizem que ela existe
Prá proteger!
Eu sei que ela pode
Te parar!
Eu sei que ela pode
Te prender!...

Polícia!
Para quem precisa
Polícia!
Para quem precisa
De polícia...(2x)

Dizem prá você
Obedecer!
Dizem prá você
Responder!
Dizem prá você
Cooperar!

Dizem prá você
Respeitar!...

Polícia!
Para quem precisa
Polícia!
Para quem precisa
De polícia...(2x)

- **PARALAMAS DO SUCESSO**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: Selvagem

DISCO: Selvagem?

ANO: (1986)

FORMATO: (LP)

SITE: <http://letras.mus.br>

<http://musica.com.br>

SELVAGEM

Os Paralamas do Sucesso

A polícia apresenta suas armas
Escudos transparentes, cassetetes
Capacetes reluzentes
E a determinação de manter tudo
Em seu lugar

O governo apresenta suas armas
Discurso reticente, novidade inconsistente
E a liberdade cai por terra
Aos pés de um filme de Godard

A cidade apresenta suas armas
Meninos nos sinais, mendigos pelos cantos
E o espanto está nos olhos de quem vê
O grande monstro a se criar

Os negros apresentam suas armas
As costas marcadas, as mãos calejadas
E a esperteza que só tem quem tá
Cansado de apanhar

- **CAPITAL INICIAL**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: Veraneio Vascaína

DISCO: Capital Inicial

ANO: (1986)

FORMATO: (LP)

SITE: <http://letras.mus.br>

<http://pt.wikipedia.org>

VERANEIO VASCAÍNA

Capital Inicial

Cuidado, pessoal, lá vem vindo a Veraneio
Toda pintada de preto, branco, cinza e vermelho
Com números do lado, dentro dois ou três tarados
Assassinos armados, uniformizados

Veraneio vascaína vem dobrando a esquina

Porque pobre quando nasce com instinto assassino
Sabe o que vai ser quando crescer desde menino
Ladrão pra roubar, marginal pra matar
Papai, eu quero ser policial quando eu crescer

Cuidado, pessoal, lá vem vindo a Veraneio
Toda pintada de preto, branco, cinza e vermelho
Com números do lado, dentro dois ou três tarados
Assassinos armados, uniformizados

Veraneio vascaína vem dobrando a esquina

Se eles vêm com fogo em cima, é melhor sair da frente
Tanto faz, ninguém se importa se você é inocente
Com uma arma na mão eu boto fogo no país
E não vai ter problema, eu sei, estou do lado da lei

Cuidado, pessoal, lá vem vindo a Veraneio
Toda pintada de preto, branco, cinza e vermelho

Com números do lado, dentro dois ou três tarados
Assassinos armados, uniformizados

Veraneio vascaína vem dobrando a esquina
Veraneio vascaína vem dobrando a esquina
Veraneio vascaína vem dobrando a esquina

- **BARÃO VERMELHO**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: Contravenção

DISCO: Rock'n Geral

ANO: 1987

FORMATO: (CD e LP)

SITE: <http://letras.mus.br>

<http://pt.wikipedia.org>

CONTRAVENÇÃO

Barão Vermelho

Nesses dias calmos
É bom sair de carro
Prá se distrair
Quando menos espero
Eu me desespero
Prá me divertir

Com tudo em cima
A noite vai rolar
Eu sempre fui assim
A rua é o meu lugar
Pr'eu rolar a noite inteira
Falar muita besteira (fazer muita zueira)
Só pra escrachar
Só pra avacalhar (só pra zoar)

E se a polícia me parar
Eu dou uma grana pra aliviar
Eu peço passagem pra continuar
Até o sol sair
Até a noite sumir
E a cidade acordar

Só ando na contravenção
Por pura vocação
Jamais terá fim
A nossa curtição (a nossa transação)

- **INOCENTES**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: Maldita Polícia

DISCO: Miséria e fome

ANO: (1988)

FORMATO: (EP e LP)

SITE: <http://musica.com.br>

MALDITA POLÍCIA

Inocentes

Protegidos pela lei praticam as maiores injustiças
São os donos da verdade, são a nossa maldita polícia
São nossos inimigos ou não?
Não sei, não se pode confiar em quem tem
Uma arma na mão
Mesmo sem resistência, eles usam da violência
Nos tratam como animais, eles não são imparciais
Usam do medo, da violência e da repressão
São as mãos do poder e da corrupção
Não podemos fugir, temos que enfrentar
Eles podem nos matar, eu só odeio
Polícia!

- **RATOS DE PORÃO**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: Porcos Sanguinários

DISCO: Brasil

ANO: 1989

FORMATO: (LP)

SITE: <http://letras.mus.br>

<http://pt.wikipedia.org>

PORCOS SANGUINÁRIOS

Ratos de Porão

Abuso de poder
Falso moralismo
Merda na cabeça
Na mão um treisoitão
São uns porcos sanguinários
Sádicos nojentos
Eles querem te humilhar
São uns porcos sanguinários
Mão na cabeça
É melhor obedecer.
Medo em cada esquina
Terror no camburão
A sena é sua sina
Se tiver cheiro na mão
Assinar um flagrante
Levando só porrada
Você pode não ter culpa
Sua sorte está lançada.

- **BIQUINI CAVADÃO**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: Cai água, cai barraco

DISCO: Descivilização

ANO: 1991

FORMATO: (CD)

SITE: <http://letras.mus.br>

OBS: Aparecem nos álbuns:

1. MILLENNIUM – 2002
2. OS 4 PRIMEIROS ALBUNS – 2002
3. NOVO MILLENNIUM - 2005

CAI ÁGUA, CAI BARRACO

Biquini Cavado

Cai água, cai barraco
Desenterra todo mundo
Cai água, cai montanha e enterra quem morreu

É sempre assim todo verão
O tempo fecha, inunda tudo
É sempre assim todo verão
Um dia acaba o mundo todo

Derruba o muro, o prédio podre, a casa velha
Empurra a velha
Pega a bolsa e sai batido

E sobe o morro, sobe o pau, sobe o diabo
(desce o pau em toda gente, "a gente temo que corrê")
Corre pra cima e pra baixo, se enfia num buraco
(Manda fogo na polícia, "pr'esses caras aprendê")

Tem mais um filho na barriga
Outra criança pra mamar
Vai ser criado pela rua, vai ter muito que ralar

O povo anda armado
O povo anda armando
O povo todo anda armado e está cansado de sofrer

Bate no filho, bate-boca, bateria, bate palma e não para debater
Bate no filho, bate-boca, bateria, bate uma e não para de bater
Bate no filho, bate-boca, bateria, bate bola e não para debater
Bate no filho, bate-boca, bateria, bate perna e não para de bater

- **EDSON GOMES**

GÊNERO: Reggae

MÚSICA: Criminalidade

DISCO: Campo de Batalha

ANO: 1991

FORMATO: (CD)

SITE: <http://letras.mus.br>

CRIMINALIDADE

Edson Gomes

É tanta violência na cidade
 Brother, é tanta criminalidade
 É tanta violência na cidade
 Brother, é tanta criminalidade

As pessoas se trancam em suas casas
 Pois não há segurança nas vias públicas
 E nem mesmo a polícia pode impedir
 Às vezes a polícia entra no jogo

A gente precisa de um super-homem
 Que faça mudança imediata
 Pois nem mesmo a polícia pode destruir
 Certas manobras organizadas
 Ah! Ah! Ah!

É tanta violência na cidade
 Brother, é tanta criminalidade
 É tanta violência na cidade
 Brother, é tanta criminalidade

A lua já não é mais dos namorados
 Os velhos já não curtem mais as praças
 E quem se aventura pode ser a última
 E quem se habilita pode ser o fim

A gente precisa de um super-homem
 Que faça mudança imediata
 Pois nem mesmo a polícia pode destruir
 Certas manobras organizadas
 Ah! Ah! Ah!

Não!
Tudo um dia vai passar
Sei que tudo um dia vai mudar
Ah! Ah! Ah!
Ê!

- **PLANET HEMP**

GÊNERO: Rap Rock

MÚSICA: Porcos fardados

DISCO: Usuário

ANO: 1995

FORMATO: (CD)

SITE: <http://letras.mus.br>

<http://pt.wikipedia.org>

PORCOS FARDADOS

Planet Hemp

Porcos da lei são todos marginais
matam pessoas inocentes e continuam em paz
despreparados, incompetentes agem acima da razão
ao invés de impor a segurança apavoram a população
são ensinados a proteger uma minoria rica
da maioria pobre que paga com a vida
e se você é um trabalhador você tem o padrão ideal
pra cair na malha do esquadrão da morte oficial
porcos fardados pensam que são homens,
mas na verdade não honram nem o seu sobrenome
bezerra eu peço licença para falar em seu nome

"você com o revólver na mão é um bicho feroz,
sem ele anda rebolando e até muda de voz"

Dizem que ela taí pra proteger é,
cumprir a lei e os marginais prender
mas na verdade ela só que te fuder
botam um x9 pra você ser dedurado
porcos fardados seus dias estão contados...

Porcos fardados seus dias estão contados (x4)

invadem sua casa sem um mandado oficial
levam o pouco que você tem te chamam de marginal
faça um favor pra humanidade pow pow policial
os porcos fingem querer te ajudar
mas se você ficar de cotas eles vão te matar
não tem integridade, são uns covardes matam sem piedade (pow pow pow)

se você anda na escuridão (sangue bom)
forjam flagrantes e te levam pra prisão
te mostram como é a lei tomam teu último tostão
na academia os ensinam como é o marginal padrão
"é o favelado, é o paraíba, é o negão"
fodem tua mente te tratam como indigente
pensam poder maltratar o povo abandonado
porcos fardados seus dias estão contados..

Porcos fardados seus dias estão contados (x4)

Eles se acham os tais estão querendo é mais filhos da puta
abusam da lei e nos veem como marginais
e fantasma na favela não é marginal
ele tem código de honra não é como policial
ser subornado é comum vendem a sua honestidade para qualquer um,
vestem a farda para conseguir propina
beijar os pés do superior essa será a sua sina
isso se não encontrar com a morte na esquina
pra terminar eu queira falar hoje você me caça,
amanhã eu vou te caçar,
porque com essa injustiça eu não vou ficar calado

Porcos fardados seus dias estão contados.

Porcos fardados seus dias estão contados (x4)

- **BEZERRA DA SILVA**

GÊNERO: Samba

MÚSICA: A fumaça já subiu pra cuca

DISCO: Meu Bom Juiz

ANO: (1993)

FORMATO: (LP)

SITE: <http://letras.mus.br>

A FUMAÇA JÁ SUBIU PRA CUCA

Bezerra da Silva

Malandro é malandro
 Mané é mané
 Aí doutor esse malandro é de verdade
 Não sobrou nem a beata
 Não tem flagrante porque a fumaça já subiu pra cuca diz aí
 Não tem flagrante porque a fumaça já subiu pra cuca
 Deixando os tiras na maior sinuca
 E a malandragem sem nada entender
 Os federais queriam o bagulho e sentou a mamona na rapaziada
 Só porque o safado de antena ligada ligou 190 para aparecer

Já era amizade
 Quem apertou, queimou já está feito
 Se não tiver a prova do flagrante nos autos
 do inquérito fica sem efeito diga lá
 Olha aí, quem pergunta quer sempre a resposta
 E quem tem boca responde o que quer
 Não é só pau e folha que solta fumaça
 Nariz de malandro não é chaminé
 Tem nego que dança até de careta
 Porque fica marcando bobeira

Quando a malandragem é perfeita
 ela queima o bagulho e sacode poeira
 Se quiser me levar eu vou, nesse flagrante forjado eu vou
 Mas na frente do homem da capa preta
 é que a gente vai saber quem foi que errou
 Se quiser me levar eu vou, nesse flagrante forjado eu vou
 Mas na frente do homem que bate o martelo
 é que a gente vai saber quem foi que errou.

Não tem flagrante
Não tem flagrante porque a fumaça já subiu pra cuca diz aí
Não tem flagrante porque a fumaça já subiu pra cuca
Deixando os tiras na maior sinuca
E a malandragem sem nada entender
Os federais queriam o bagulho e sentou a madeira na rapaziada
Só porque o canalha de antena ligada ligou 190 para aparecer

Já era amizade
Quem apertou, queimou já está feito
Se não tiver a prova do flagrante
nos autos do inquérito fica sem efeito

Olha aí, quem pergunta quer sempre a resposta
E quem tem boca responde o que quer
Não é só pau e folha que solta fumaça
Nariz de malandro não é chaminé
Tem nego que dança até de careta
Porque fica marcando bobeira
Quando a malandragem é perfeita ela queima o bagulho e sacode poeira
Se quiser me levar eu vou, nesse flagrante forjado eu vou
Mas na frente do homem da capa preta é que a gente vai saber quem foi que errou
Se quiser me levar eu vou, nesse flagrante forjado eu vou
Mas na frente do homem que bate o martelo é que a gente vai saber quem foi que errou.

Não tem flagrante
Não tem flagrante porque a fumaça já subiu pra cuca diga lá
Não tem flagrante porque a fumaça já subiu pra cuca
É mais não tem flagrante porque a fumaça já subiu pra cuca diz aí
Não tem flagrante porque a fumaça já subiu pra cuca
Olha aí não tem flagrante porque a fumaça já subiu pra ideia diga lá
Não tem flagrante porque a fumaça já subiu pra cuca
Sim mas não tem flagrante porque a fumaça já está na muleira

- **LEGIÃO URBANA**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: Música de Trabalho

DISCO: A Tempestade

ANO: 1996

FORMATO: (CD)

SITE: <http://letras.mus.br>

MÚSICA DE TRABALHO

Legião Urbana

Sem trabalho eu não sou nada
Não tenho dignidade
Não sinto o meu valor
Não tenho identidade
Mas o que eu tenho
É só um emprego
E um salário miserável
Eu tenho o meu ofício
Que me cansa de verdade
Tem gente que não tem nada
E outros que tem mais do que precisam
Tem gente que não quer saber de trabalhar
Mas quando chega o fim do dia
Eu só penso em descansar
E voltar p'rá casa pros teus braços
Quem sabe esquecer um pouco
De todo o meu cansaço
Nossa vida não é boa
E nem podemos reclamar

Sei que existe injustiça
Eu sei o que acontece
Tenho medo da polícia
Eu sei o que acontece
Se você não segue as ordens
Se você não obedece
E não suporta o sofrimento
Está destinado a miséria
Mas isso eu não aceito
Eu sei o que acontece
Mas isso eu não aceito

Eu sei o que acontece
Quando chega o fim do dia
Eu só penso em descansar
E voltar p'rá casa pros teus braços
Quem sabe esquecer um pouco
Do pouco que não temos
Quem sabe esquecer um pouco
De tudo que não sabemos

- **NATIRUTS**

GÊNERO: Reggae

MÚSICA: Cavaleiros azuis

DISCO: Povo Brasileiro

ANO: 1999

FORMATO: (CD)

SITE: <http://letras.mus.br>

<http://pt.wikipedia.org>

CAVALEIROS AZUIS

Natiruts

A noite chegou, estamos numa confraternização
 Ao nosso redor as pessoas sorriem e bebem também
 Olhando as meninas, falando da festa que passou
 Reencontrando amigos de fé, lembrando estórias que o tempo levou
 Tudo era alegria, quando de repente alguém avistou
 Duas luzes incandescentes, representando o bem e o mal
 O azul que é o céu, o vermelho a cor do cristal
 Protegidos por suas espadas que cospem o fogo mortal
 Eles fazem perguntas, destroem o ego de quem está perto
 Corra se puder, esconda-se se for esperto
 E ao ver eles agirem com tanta coragem e determinação
 Ficamos nos perguntando ao vermos as notícias na televisão

Refrão:

Cavaleiros azuis aonde estão vocês
 Quando os verdadeiros marginais
 Matam inocentes nas barbas da lei

Verso 2:

Os acordes são iguais aos do primeiro verso
 Preto, branco, não importa a cor se for pobre e trabalhador
 Você sempre será o alvo predileto do executor
 Pois aqui nesse país a classe baixa da população
 Só é linda e tem futuro quando é época de eleição
 E mesmo quem conseguiu um bom nível de vida alcançar
 Não está livre de ser humilhado basta pra isso num beco encontrar
 Um ou mais cavaleiros azuis, sempre com suas espadas na mão
 Pegando sua dignidade e jogando-a toda no chão

- **O RAPPÀ**

GÊNERO: Rock, Reggae, Samba, Hip Hop, Rap

MÚSICA: Tribunal de Rua

DISCO: Lado B Lado A

ANO: 1999

FORMATO: (CD)

SITE: <http://letras.mus.br>

TRIBUNAL DE RUA

O Rappa

A viatura foi chegando devagar
 E de repente, de repente resolveu me parar
 Um dos caras saiu de lá de dentro
 Já dizendo, ai compadre, cê perdeu
 Se eu tiver que procurar cê ta fodido
 Acho melhor cê i deixando esse flagrante comigo
 No início eram três, depois vieram mais quatro
 Agora eram sete os samurais da extorsão
 Vasculhando meu carro, metendo a mão no meu bolso
 Cheirando a minha mão

De geração em geração
 Todos no bairro já conhecem essa lição

E eu ainda tentei argumentá
 Mas, tapa na cara pra me desmoralizar
 Tapa, tapa na cara pra mostra quem é que manda
 Porque os cavalos corredores ainda estão na banca
 Nesta cruzada de noite, encruzilhada
 Arriscando a palavra democrata
 Como um santo graal
 Na mão errada dos hõmi
 Carregada em devoção

De geração em geração
 Todos no bairro já conhecem essa lição

O cano do fuzil
 Refletiu o lado ruim do Brasil
 Nos olhos de quem quer
 E quem me viu, único civil

Rodeado de soldados
Como seu eu fosse o culpado
No fundo querendo estar
A margem do seu pesadelo
Estar acima do biótipo suspeito
Nem que seja dentro de um carro importado
Com um salário suspeito
Endossando a impunidade
A procura de respeito

(Mas nesta hora) só tem (sangue quente)
Quem tem (costa quente, quente, quente)
Só costa quente, pois nem sempre é inteligente
(Peitar) peitar, peitar (um fardado alucinado)
Que te agride e ofende (pa te levar, levar, levar)
Pra te levar alguns trocados (diz aê)
Pra te levar, levar, levar
Pra te levar alguns trocados (segue a mão)

Era só mais uma dura
Resquício de ditadura
Mostrando a mentalidade
De quem se sente autoridade
Nesse tribunal de rua
Nesse tribunal
Nesse tribunal de rua

- **PAVILHÃO 9**

GÊNERO: Rap Rock

MÚSICA: 190 Há! Há!

DISCO: Reação

ANO: 2001

FORMATO: (CD)

SITE: <http://musica.com.br>

190 HÁ! HÁ!

Pavilhão 9

Eu sou aquele cara que você nunca não viu
Cara a cara, botando fogo no pavio
Agora estou na sede e também no apetite
Vim da zona sul revelando o que sinto
Faço o meu papel que se fodam o que falem
Não devo pra ninguém, bem menos pra sociedade
Tirando meu capuz, falando a real desde 89 pioneiro no assunto
Desmascaro a hipocrisia na puta cara dura
Na voz da rua
Mantendo minha postura
Respeito imposto mas não quero ser rei
Mortalmente vivo
A lei da rua eu já sei
Pague pra ver você
Corre do assunto, finge não ver
Não se move, fica mudo
Me diga quem faz a lei por aqui?
190 há! há! motivo de riso
Provas difíceis embaçam o destino
Todos nós envolvidos num delito
Não pense ao contrário, fique ligeiro
Na palavra na levada, na pancada no peito
Bem te atropelo, como um trem
Sigo assim na liberdade de expressão
No que falo jogo pra cima
Sinto que você fica parado aí
Vendo as coisas passarem diante do seu nariz
Não estamos nem aí,
Vem me desafia, tirando o capuz
Falando da nossa vida.

Refrão

Me diga quem faz a lei por aqui, 190 há, há, motivo de riso
(4x)

Te provo ao contrário é o que é

Pra que existe a lei?

Só pra prender inocentes?

Plano 1

Não me use como objeto

Plano 2

Não me faça de boneco

Há, há

Mas e aí estou esperto

Olho aberto o haiti é aqui

Já disseram isso aí

Não seja ingênuo veja ao seu redor

A tv ganha ibope mostrando o pior

Não estou equivocado com os fatos, você vê

Public enemy na caixa

Não preciso provar nada, nossa vida nessa letra

Pra quem servir o capuz

Me retiro da licença

Não estamos nem aí

Vem me desafia, tirando o capuz

Falando da nossa vida

Refrão

Me diga quem faz a lei por aqui 190 há, há, motivo de riso
(8x)

- **NATIRUTS**

GÊNERO: Reggae

MÚSICA: Homem do Povo

DISCO: Verbalize

ANO: 2001

FORMATO: (CD)

SITE: <http://letras.mus.br>

HOMEM DO POVO

Natiruts

Tirou a farda e não viu que era um homem do povo
 Não consegue perceber é complicado pra sua cabeça
 E tome chute na moleira do maluco
 Tapa na cara do trabalhador
 E pro velho corrupto Bom dia doutor

Na falta de crença decreta a falência total
 Do mundo real que segue por má influência se apegar no mal
 Ponha a janta na mesa e convide os homens da defesa
 E tire um retrato da sua pobreza espiritual, que tal
 Pintura borrada a óleo diesel
 Como vou saber se ninguém me avisou
 Percepção, segundo me diz o falso rei
 Que detém a lei que a arma na mão assegura o bem
 Mas rouba o que há no seu coração
 They're crushing the people
 With helmets and boots
 But GOD blessed the people with NATIRUTS

- **KARNE KRUA**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: O animal

DISCO: Em Carne Viva

ANO: 2001

FORMATO: (CD)

O ANIMAL

Karne Krua

A farda é uma jaula

Onde só cabe um animal ...

Quero entender

Porque o homem fica assim

Quero entender

Porque o animal age assim.

- **WORD-S GUERRILLA**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: O suspeito

DISCO: Sonidos de la Guerrilla

ANO: 2003

FORMATO: (CD)

O SUSPEITO

Word's Guerrilla

Desde quando nasceu

Viveu na miséria

Mesmo assim

Sobreviveu na selva de pedra

Agora foi acusado

De um crime

Que jamais cometeu

Sente a violência na pele

E não tem como se defender

Ele apanhou

Como escravo

Dos cães adestrados

Do Estado ...

- **REAÇÃO**

GÊNERO: Reggae

MÚSICA: Sinal de Alerta

DISCO: Ao Vivo no Estação 4

ANO: 2003

FORMATO: (CD)

SITE: <http://letras.mus.br>

SINAL DE ALERTA

Reação

Um pisca-pisca me alertou
Não sei se posso mais ficar
Se vem com ódio ou amor
Não sei se vou me arriscar

Plebeu Jaó já me falou
Que em perigo posso estar
Azul e vermelho piscando
Pode ser sinal de perigo, pode ser sinal de perigo

Me vê com olhos de rapina
Te vejo com os olhos do tempo
Olhe o meu povo nessa sina
Com os olhos de outros 500

500 anos de um Brasil
Vida sofrida e servil
Você vem lá não sei de onde
E vem pra aqui me importunar

Volta pra onde tu te escondes
E leva seus homens pra lá
Engravatados e ladrões
Ricos e livres a roubar

Você censura minha erva
E o álcool é legalizado
Você faz coisas violentas
E diz que estava alcoolizado
Cansei da sua hipocrisia
Você estava era drogado.

- **TOLERÂNCIA ZERO**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: Quem é normal?

DISCO: Azar

ANO: 2003

FORMATO: (CD)

SITE: <http://letras.mus.br>

QUEM É NORMAL?

Tolerância Zero

Participação Ro\$\$i e Doze

Proliferação desgraçada de novos assassinos
Violência extrema degradação em massa
Perversão humana comercializada
Já não existe cura para raiva

Acha que não sou normal

Quem é Normal?

Estão Todos Loucos lá Fora

Sou apenas o reflexo maldito dessa merda

Proliferação desgraçada de novos assassinos
Violência extrema degradação em massa
Perversão humana comercializada
Já não existe cura para raiva

Acha que não sou normal

Quem é Normal?

Estão Todos Loucos lá Fora

Sou apenas o reflexo maldito dessa merda

Vou falar do perfil de um desgraçado
Descrito com toda a lucidez da perversão humana
Enquanto uns trepam com todo o caretismo
De um conservador estúpido
Outros espancam até gozar na cara da vitima
Após cortarem seu pescoço

Acha que não sou normal

Quem é Normal?

A cena que eu vejo são soldados armados
Agressivos debilóides que dão nojo, entojo
Fogo no mato, crime no jornal, negro assassinado
- Ro\$\$i
Bandido algemado, policia escondida
Assunto encerrado
Desigualdade para, isso basta
A paz não existe mais aqui, nem alí

Guerra, Pânico, Terror
O pesadelo ainda não começou
Se preparou, eu ouço o toque da sirene
Ali se vai mais um corpo, mais um cadáver
Mais uma vitima da violência urbana
Homem, mulher, adulto ou criança -

Doze
Não interessa quem é
Salve-se quem puder
Em um hospício o pivete
O dia escurece logo amanhece
Esquece

- **DEVOTOS**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: Brincando do jeito que dá

DISCO: Flores com Espinhos para o Rei

ANO: 2006

FORMATO: (CD)

SITE: <http://letras.mus.br>

<http://pt.wikipedia.org>

BRINCANDO DO JEITO QUE DÁ

Devotos

Um dia briguei por uma vida.
Um dia caminhei sem rumo.
Nunca achei que seria o certo.
Ver o meu povo sem futuro.

Brincando do jeito que dá.
Bala perdida não me acha!
Vida longa a polícia militar.
Que quando sobe é só desgraça...

A rádio cada vez mais alta.
Luta partidária não é o caminho!
O social é o que nos marca!
Flores para abrir nossos caminhos...

- **ALAPADA**

GÊNERO: Pop Rock

MÚSICA: Baculejo

DISCO: "Ao vivo em Sampa"

ANO: 2007

FORMATO: CD

SITE: <http://letras.mus.br>

BACULEJO

Alapada

E toma baculejo mão na cabeça que o pau quebra
 Me abordaram na rua e eu não sei nem por que
 Nem pediram documento, vieram pra bater
 Toma lapada, pra depois perguntar
 Toma lapada, assim não posso falar
 "Segura a onda malandro, os "zome" tão na área"
 Olhe o respeito, rapaz, se não tu leva bala
 Me abordaram de novo agora eu sei por quê.
 A impunidade os mantêm acima da lei.

Refrão:

E toma baculejo mão na cabeça que o pau quebra!
 E toma baculejo mão na cabeça que o pau quebra!

A hipocrisia refletida na televisão
 Delata a verdade e a corrupção
 O atentado ao pudor, o abuso de poder
 E ainda matam crianças que robam pra comer
 Eu não aguento mais essa minha condição
 de ser humilhado sem ter explicação
 Eu sou o alvo fácil do sistema,
 Encurralado esse é o meu dilema
 Pagando um preço alto na lei dos homens
 Se correr, o bicho pega, se ficar, o pau come.

Refrão

E toma baculejo mão na cabeça que o pau quebra!
 E toma baculejo mão na cabeça que o pau quebra!

Se liga, meu irmão, na dura nos homens
 Se liga, meu irmão, se liga, meu irmão...

- **RACIONAIS MC's**

GÊNERO: Rap

MÚSICA: Mágico de Oz

DISCO: Sobrevivendo no Inferno

ANO: 2007

FORMATO: (CD)

SITE: <http://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/magico-de-oz>

MÁGICO DE OZ

Racionais MC's

Aquele moleque, sobrevive como manda o dia a dia, tá
 Na correria, como vive a maioria, preto desde
 Nascimento escuro de sol, eu tô pre ver ali igual no
 Futebol, sair um dia das ruas é a meta final viver
 Descente, sem ter na mente o mal, tem o instinto, que
 A liberdade deu, tem a malícia, que a cada
 Esquina deu, conhece puta, traficante ladrão, toda
 Raça uma par de aluscinado e nunca embaço,
 Confia nele mais do que na polícia, quem confia em
 Polícia, eu não sou louco, a noite chega, e o frio
 Também, sem demora e a pedra o consumo aumenta a cada
 Hora, pra aquecer ou pra esquecer, viciar, deve
 Ser pra se adormecer, pra sonhar, viajar na paranoia
 Na escuridão, um poço fundo de lama, mais um
 Irmão, não quer crescer, ser fugitivo do passado,
 Envergonhar-se aos 25 ter chegado, queria que
 Deus ouvisse a minha voz e transformasse aqui no mundo
 Mágico de Oz...

Queria que Deus ouvisse a minha Voz!
 (Que Deus Ouvisse a minha Voz)
 No mundo mágico de Oz

Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio,
 Pagando a rodada risada e vagabunda no meio, a
 Impressão que dá, é que ninguém pode parar, um carro
 Importado, som no talo, Homem na Estrada
 Eles gostam, só bagaceira só, o dia inteiro só, como
 Ganha o dinheiro, vendendo pedra e pó, rolex
 Ouro no pescoço a custa de alguém, uma gostosa do lado
 Pagando pau pra quem? A polícia passou e
 Fez o seu papel, dinheiro na mão, corrupção à luz do
 Céu, que vida agitada hein? gente pobre tem,
 Periferia tem, você conhece alguém, moleque novo que
 Não passa dos doze, já viu viveu, mais que
 Muito homem de hoje, vira a esquina, e para em frente
 A uma vitrini, se ve, se imagina na vida do
 Crime, dizem que quem quer segue o caminho certo, ele
 Se espelha em quem tá mais perto, pelo
 Reflexo do vidro ele vê, seu sonho no chão se
 Retorcer, ninguém liga pro moleque tendo um ataque,
 Foda-se quem morrer desta porra de crack, relaciona os
 Fatos com seus sonhos, poderia ser eu no
 Seu lugar, Ah, das duas uma eu não quero desandar, foram
 Aqueles manos que trouxeram essa porra pra
 Cá, matando os outros, em troca de dinheiro e fama,
 Grana suja como vem vai não me engana, queria
 Que Deus, ouvisse a minha voz e transformasse aqui no
 Mundo mágico de Oz...

Queria que Deus ouvisse a minha Voz!
 (Que Deus Ouvisse a minha Voz)
 No mundo mágico de Oz

Hey mano, será que ele terá uma chance, quem vive
 Nesta porra, merece uma revanche, é um dom
 Que você tem de viver, é um dom que você recebe pra
 Sobreviver, história chata, mas você tá ligado?
 Que é bom lembrar, que quem entrar é um em cem, pra
 Voltar, quer dinheiro pra vender, tem um
 Monte aí, tem dinheiro quer usar, tem um monte aí,
 Tudo dentro de casa, vira fumaça, é foda, será
 Que Deus deve tá provando minha raça? só desgraça,
 Gira em torno daqui, falei do Jb, é o que
 Queria fazer, rezei pra um moleque que pediu, qualquer
 Trocado qualquer moeda, me ajuda tio? pra
 Mim não faz falta, uma moeda não neguei, e não quero
 Saber, o que pega se eu erre,
 Independente a minha parte eu fiz, tirei um sorriso
 Ingênuo, fiquei um terço feliz, se diz que
 Moleque de rua rouba, o governo, a polícia no Brasil
 Quem não rouba? Ele só não têm diploma pra
 Roubar, ele não se esconde atrás de uma farda suja, é

Tudo uma questão de reflexão irmão, é
Uma questão de pensar, Ah, a polícia sempre dá o mal
Exemplo, lava minha rua de sangue, leva o
Ódio pra dentro, pra dentro, de cada canto da cidade,
Pra cima dos quatro extremos da
Simplicidade, a minha liberdade foi roubada, minha
Dignidade violentada, que nada, os manos se
Ligar, parar de se matar, amaldiçoar, levar pra longe
Daqui essa porra, não quero que um filho meu
Um dia Deus me livre morra, ou um parente meu acabe
Com um tiro na boca, é preciso morrer pra
Deus ouvir minha Voz, ou transformar aqui no mundo
Mágico de Oz...

Queria que Deus ouvisse a minha Voz!
(Que Deus Ouvisse a minha Voz)
No mundo mágico de Oz

Jardim Filhos da Terra e tal, Jardim Ebrom, jáçanã,
Jowa Rural, Piquiri e Mazzei, Nova Galvão,
Jardim Corisco, Fontalis e então, Campo Limpo,
Guarulhos Jardim Peri, Jb, Edu Chaves e Tucuruvi,
Alo Doze, Mimosa e São Rafael, Zachi Narchi tem lugar
No céu, Às vezes eu fico pensando se Deus
Existe mesmo, moro? Porque meu povo já sofreu demais,
E continua sofrendo até hoje! Só quero ver
Os moleque nos farol, na rua, muito louco de cola, de
Pedra, e eu penso que poderia ser um filho
Meu, moro? Mas aí! Eu tenho fé, eu tenho fé... em
Deus.

- **GABRIEL O PENSADOR**

GÊNERO: Hip Hop, Rap, Rock e Pop

MÚSICA: Nunca Serão

DISCO: Sem Crise

ANO: 2012

FORMATO: (CD)

SITE: <http://letras.mus.br>

GABRIEL O PENSADOR

Nunca Serão

Eu caminhava no meu Rio de Janeiro quando alguém me parou e falou:
 "Aê parceiro, me dá tua mão que eu quero ver se tá com cheiro
 Porque eu sou um cara honesto e detesto maconheiro"
 Eu tinha acabado de sair do banheiro e dei a mão pra ele cheirar
 Mas foi uma cena bisonha
 Ele cheirou a minha mão por um tempo e eu disse:
 Espera, tu não é o Capitão Nascimento?
 Que vergonha, meu capitão
 Procurando maconha no calçadão
 Qual é a tua missão?
 Eu vi teu filme mas não me leva a mal
 Não me tortura assim não que eu sou um cara legal
 Em certas coisas eu concordo contigo
 Mas não é assim que você vai achar os grandes bandidos
 Esse país tá fodido

Ele falou: "Eu sei disso
 Quando eu entrei na PM, eu assumi um compromisso, eu luto pela justiça"
 Eu também
 Sem justiça não tem paz e sem paz eu sou refém
 A injustiça é cega e a justiça enxerga bem
 Mas só quando convém
 A lei é do mais forte, no Bope ou na Febem
 Na boca ou no Supremo
 Que justiça a gente tem, que justiça nós queremos?

Os corruptos cassados?
 Nunca serão!
 Cidadãos bem informados?
 Nunca serão!
 Hospitais bem equipados?
 Nunca serão! Nunca serão!! Nunca serão!!!

Os impostos bem usados?
 Nunca serão!
 Os menores educados?
 Nunca serão!
 Todos alfabetizados?
 Nunca serão! Nunca serão!! Nunca serão!!!

Capitão, não sei se você soube dessa história
 Que rolou num povoado peruano se não me falha a memória
 Um político foi morto pelo povo
 Um corrupto linchado por um povo que cansou de desrespeito
 E resolveu fazer justiça desse jeito
 Foi um linchamento, foi um mau exemplo
 Foi um mau exemplo mas não deixa de ser um exemplo
 Eu sou contra a violência mas aqui a gente peca por excesso de paciência
 Com o "rouba mas faz" dos verdadeiros marginais
 Chamados de "doutor" e "vossa excelência"
 Cujos nomes não preciso dizer
 A imprensa publica, mas tudo indica que a justiça não lê
 Diz que é cega, mas o lado dos colegas ela sempre vê
 Capitão, isso é um serviço pra você!

Deputado! Pede pra sair!
 Pede pra sair, deputado!
 Sabe o que você é? Um moleque, é isso que você é
 Senador, pede pra sair!
 (Desisto!)
 Mais alto senador!
 (Desisto!)
 Vagabundo, cadê o dinheiro que você desviou dessa obra aqui?
 (Eu não sei não!)
 Fala, Vossa Excelência, é melhor falar!
 (Eu não sei!)
 Cadê a verba da merenda que sumiu?
 O2, o corrupto não quer falar não! Pode pegar o cabo de vassoura!
 (Tá bom, eu vou falar, eu vou falar!)

Os corruptos cassados?
 Nunca serão!
 Cidadãos bem informados?
 Nunca serão!
 Hospitais bem equipados?
 Nunca serão! Nunca serão!! Nunca serão!!!

Os impostos bem usados?
Nunca serão!
Os menores educados?
Nunca serão!
Todos alfabetizados?
Nunca serão! Nunca serão!! Nunca serão!!!

Conversei com o Nascimento que não pensa como eu penso mas pensando nós chegamos num consenso
Nós somos vítimas da violência estúpida que afeta todo mundo, menos esses vagabundos lá da cúpula corrupta hipócrita e nojenta
Que alimenta a desigualdade e da desigualdade se alimenta
Mantendo essa política perversa
Que joga preto contra branco, pobre contra rico e vice-versa
Pra eles isso é jogo, esse é o jogo
Se morre mais um assaltante ou mais um assaltado, tanto faz
Pra eles não importa, gente viva ou gente morta
É tudo a mesma merda
Os velhos nas portas dos hospitais, as crianças mendigando nos sinais
Pra eles nós somos todos iguais
Operários, empresários e presidiários e policiais
Nós somos os otários ideais
Enquanto a gente sua e morre
Só os bandidos de gravata seguem faturando e descansando em paz
Enquanto esses covardes continuam livres, nós só temos grades
Liberdade já não temos mais!

Nunca serão!
Nunca serão!
Nunca serão! Nunca serão!! Nunca serão!!!

Nunca serão!
Nunca serão!
Nunca serão! Nunca serão!! Nunca serão!!!

Boa 06, também atirando com o meu fuzil fica fácil, né?
Caveira!

- **TITÃS**

GÊNERO: Rock

MÚSICA: Fardado

DISCO: Nheengatu

ANO: 2014

FORMATO: (CD)

SITE: <http://musica.com.br>

TITÃS

Fardado

Você também é explorado
Fardado
Você também é explorado
Aqui!

Por que você não abaixa essa arma
O meu direito é seu dever
Por que você não usa essa farda
Pra servir e pra proteger

Por que você não escuta o que eu digo
Não limpa as botas de terra
Não prende esse cachorro contigo
Não abre a rua e limpa essa m**!

Ponha-se no meu lugar
Ponha-se no seu lugar
Ponha-se no meu lugar
No meu lugar

Você também é explorado
Fardado
Você também é explorado
Aqui!

Por que você não abaixa esse escudo
O meu direito é sua obrigação
Por que não olha antes de tudo
O seu dever é minha autorização

Por que você não escuta o que eu falo
Não limpa a terra das botas
Por que não segura esse cavalo
Não abre a rua e limpa essa bosta!

Ponha-se no meu lugar
Ponha-se no seu lugar
Ponha-se no meu lugar
No meu lugar